Monografia de Bacharelado e Licenciatura

O gorila, o homem e o robô

a tensão entre tradição e progresso na obra de Luís da Câmara Cascudo

Luiza Larangeira da Silva Mello

Orientadora: Profª Margarida de Souza Neves

PUC – RIO

Departamento de História

Dezembro de 2002

SUMÁRIO

Introdução 04

Capítulo 1 : O Gorila e o Predestinado 13

Capítulo II: O Celacanto e o Robô 22

Capítulo III: O Meio da Ladeira 35

Capítulo IV: Na Pista do Conservadorismo Cascudiano 42

Conclusão 49

Bibliografia 51

"Nenhuma ciência possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana do que o Folclore. Ciência da psicologia coletiva, cultura do geral no Homem, da tradição e do milênio na Atualidade, do heróico no cotidiano, é uma verdadeira História Normal do Povo." (Luís da Câmara Cascudo, *Contos Tradicionais do Brasil*.)

Introdução

O objetivo central desta monografia é analisar as relações e as tensões entre as noções de tradição e progresso, de natureza e moral no pensamento do folclorista norte-riograndense Luís da Câmara Cascudo, tendo como referência a especificidade da sua concepção de tradição. As fontes centrais para a realização deste trabalho são três livros de Câmara Cascudo, escritos nas décadas de 1950 e 1960: *Canto de Muro. Romance de Costumes*; *História da Alimentação no Brasil* e *Civilização e Cultura*.

A idéia de desenvolver este tema vem sendo amadurecida ao longo de quatro anos de trabalho como bolsista de iniciação científica do Projeto Integrado de Pesquisa "*Roteiros e descobrimentos: Câmara Cascudo e os modernos descobrimentos do Brasil"* (desenvolvido entre março de 1999 e fevereiro de 2001) e do Projeto Integrado de Pesquisa *"O Encantamento do passado. Luís da Câmara Cascudo, Historiador"* (que vem sendo desenvolvido desde março de 2001). Ambos os projetos, financiados pelo CNPq, foram coordenados pela professora Margarida de Souza Neves, do Departamento de História da PUC-Rio. Não teria sido possível desenvolver a questão da tensão entre tradição e progresso no pensamento de Câmara Cascudo sem as inúmeras discussões, o trabalho conjunto do grupo de pesquisa e as imensas contribuições de cada um de seus membros. Além disso, foram de grande importância os dois períodos de estágio na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, dos quais participei juntamente com o grupo de pesquisa. Lá, pude ter acesso aos livros da biblioteca do próprio Câmara Cascudo — que estão à disposição dos visitantes no Memorial Luís da Câmara Cascudo — e aos principais acervos de obras deste autor e sobre ele. E, principalmente, pude perceber a importância e o significado de Luís da Câmara Cascudo na cidade em que nasceu e viveu e visitar os principais espaços que marcaram a sua vida intelectual e pessoal: a sua casa na Avenida Junqueira Aires; o bairro da Ribeira em que passava suas noites de boemia; o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande no Norte do qual foi membro; a Academia Norte-riograndense de letras da qual foi um dos fundadores; o Ateneu Norte-riograndense em que estudou e lecionou durante anos.

Faz-se necessário, primeiramente, delimitar o perfil intelectual de Câmara Cascudo e a escolha das fontes acima mencionadas.

Luís da Câmara Cascudo teve uma formação intelectual extremamente plural, o que torna ainda mais complexa a análise das suas obras e da tensa relação entre as idéias de tradição e progresso que nelas se configura. Cascudo cursou (sem que tenha completado) a faculdade de medicina e graduou-se em direito, anos mais tarde. No entanto, embora ministrasse cursos de direito internacional na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ficou conhecido principalmente como crítico literário, etnógrafo, folclorista e historiador. Escreveu ainda romances e poemas e, sobretudo nas duas últimas décadas de sua vida, obras memorialísticas. Mas Cascudo se considerava, acima de tudo, um professor.

Grande parte de seu esforço intelectual, foi dedicado ao estudo e ao registro das manifestações culturais populares, essencialmente as que considera tradicionais. É no âmbito dessas tradições que Câmara Cascudo se propõe a investigar e analisar as diversas manifestações populares no Brasil.

De modo genérico, podemos caracterizar Cascudo como um intelectual conservador. Contudo, a forma como seu conservadorismo se constitui e se apresenta é também múltipla e extremamente complexa.

Cascudo era declaradamente monarquista e um dos seus primeiros e mais conhecidos livros foi a biografia do Conde D'Eu[1], por quem tinha grande admiração e afirmava com orgulho ter conhecido pessoalmente.

Na década de 1920, participa do movimento modernista, ainda que de forma muito particular e, por vezes, até mesmo marginal. As influências do modernismo brasileiro (pós Manifesto Pau Brasil, de 1924) na relação entre tradição e modernidade no pensamento de Cascudo são importantes, uma vez que ele teve estreitas relações com muitos intelectuais modernistas na década de 1920, e de forma muito especial com Mário de Andrade, com quem trocou intensa correspondência entre 1928 e 1945[2]. Segundo Eduardo Jardim de Moraes, a partir do Manifesto Pau Brasil de 1924, os intelectuais modernistas como Mário de Andrade e Oswald de Andrade abandonam a perspectiva imediatista — vale dizer, a

[1] Luis da CÂMARA CASCUDO. *Conde D'Eu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.
[2] Sobre a correspondência entre Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo ver Sílvia Ilg BYINGTON. *Pentimentos Modernistas. As cores do Brasil na correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2000. (Dissertação de Mestrado, mimeo).

defesa da idéia de que os artistas brasileiros deveriam produzir uma arte moderna de caráter universal, nos moldes do modernismo europeu — e anunciam que os artistas e intelectuais deveriam buscar construir uma nova estética através da expressão do genuinamente brasileiro, ou seja, da recuperação das raízes culturais tradicionais e populares.[3] Neste sentido é importante desenvolver a questão proposta nesta monografia levando em conta a participação de Cascudo no movimento modernista brasileiro.

Na década de 1930, torna-se o chefe do Movimento Integralista no Rio Grande do Norte. Foi maçon, mas na década de 1920 deixa a maçonaria, convertendo-se ao catolicismo, como condição para seu casamento com Dahlia Freire. Durante o restante de sua vida, o catolicismo, tal como apropriado por Cascudo, bem como os círculos católicos dos quais se aproximou informaram de forma decisiva o seu conservadorismo.

Tanto a sua militância no Movimento Integralista, quanto a sua participação peculiar no modernismo influenciaram a sua concepção de cultura popular e de tradição, que procurarei abordar ao longo desta monografia.

Nas décadas de 1950 e 1960, quando escreve as três obras que constituirão as fontes centrais desta monografia, Cascudo já havia queimado, há algum tempo, sua camisa-verde de militante, como gesto simbólico de seu afastamento do integralismo. Sobretudo nas décadas de 60 e 70, parece distanciar suas obras da reflexão sobre a conjuntura sócio-política brasileira e dedica-se especialmente à memorialística. Essa atitude de introspecção e recolhimento durante os anos da ditadura militar e o seu silêncio em relação à situação política do país podem ser tomados como sinais do conservadorismo de Câmara Cascudo.

A escolha de *Canto de Muro*, da *História da Alimentação no Brasil* e de *Civilização e Cultura* se deve à forma intensa e explícita através da qual Luís da Câmara Cascudo valoriza positivamente as tradições. Ainda que por vezes afirme o progresso como um valor positivo, ele percebe elementos do moderno — tais como o progresso material, tecnológico e científico e a difusão da cultura de massas — como agentes de destruição dessas tradições.

Há que se perceber até que ponto as manifestações culturais populares e eruditas tradicionais e as manifestações culturais de massa — que, de acordo com Néstor Garcia

[3] Eduardo Jardim de MORAES. "O modernismo revisitado". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988.

Canclini[4] se interpenetram e se adaptam umas às outras, no final do século XX — são percebidas por Cascudo de maneira dicotômica. A tese central de Canclini é a de que os movimentos culturais das últimas décadas do século XX na América Latina evidenciam o equívoco das teorias maniqueístas e dualistas segundo as quais o moderno e o tradicional se opõem de maneira radical, sendo o desenvolvimento do primeiro um fator destrutivo do segundo. Para Canclini, as manifestações culturais tradicionais, tanto as eruditas como as populares, ao invés de desaparecerem ante a difusão da cultura de massa característica da modernidade, encontram estratégias de sobrevivência, adequando-se às lógicas impostas por esta mesma modernidade — como a lógica do mercado, por exemplo. Canclini propõe também uma revisão em relação às análises duais da relação entre cultura popular e cultura de elite. Acredita que quanto mais se aproxima o final do século XX, mais complicada se torna a idéia de uma oposição radical entre as noções de cultura popular e cultura erudita.

Na perspectiva de Cascudo, quando escreve nas décadas de 1950 e 1960, a relação entre o moderno e a tradição se apresenta precisamente na forma dual que Canclini considera necessário evitar nas análises deste final de século. Todavia, há que se ter o cuidado de não simplificar demasiadamente esta perspectiva dual de Cascudo. Se, por um lado, ele condena vigorosamente os aspectos do progresso material, e os novos valores que o acompanham, que destroem as tradições culturais populares, por outro lado, Cascudo sente-se atraído por alguns símbolos desse progresso, como por exemplo o automóvel e o avião. No livro *Jerônimo Rosado*, uma de suas biografias exemplares, escrita em 1967, Cascudo apresenta Rosado como um herói civilizador do Rio Grande do Norte e faz a apologia dos elementos do progresso que este herói traz para o seu estado[5]. Conquanto abrigue ambigüidades, a posição de Cascudo em relação ao progresso material e científico não se torna necessariamente incoerente. Para este autor, o que é pernicioso no progresso não são os benefícios materiais que ele proporciona, mas a sua tendência a destruir o que ele considera autêntico, tradicional, peculiar, heterogêneo.

Quanto à relação entre cultura erudita e cultura popular, Cascudo assume uma perspectiva igualmente complexa. Sem dúvida, este autor percebe os espaços da cultura erudita e popular não apenas como distintos, mas também como nitidamente separados.

[4] Néstor García CANCLINI. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.
[5] Ver Margarida de Souza NEVES. "Artes e Ofícios de um Provinciano Incurável". *Revista Projeto História 24 - Artes da História e outras linguagens*. São Paulo: EDUC, 2002.

Entretanto, estas duas possibilidades de cultura se aproximam quando o popular se torna objeto de investigação intelectual. E Cascudo, como estudioso da cultura popular e do folclore, situa a si próprio como o agente que promove essa aproximação. Ele assume uma postura quase messiânica, de salvador das tradições populares ameaçadas pelo progresso. Neste ponto, é interessante levantar a questão do método que Cascudo utiliza nas suas pesquisas etnográficas e folclóricas: o método da "convivência". Em toda sua obra, ele insiste que o seu saber acumulado sobre cultura popular vem do fato de ter sido criado no sertão do Rio Grande do Norte e de que, durante toda a sua vida, a cultura popular esteve presente no seu cotidiano. Por outro lado, sua formação culta é aquilo que lhe permite transformar esse saber adquirido pela convivência em objeto de estudo. Circulando entre os âmbitos do popular e do erudito, Cascudo acredita usufruir as melhores condições da pesquisa sobre a cultura popular. Foi "menino, criado no sertão, educado na cidade"[6]. A utilização da idéia de convivência como fundamento de sua autoridade intelectual como folclorista está, até certo ponto, relacionada à posição marginal que, de acordo com Luís Rodolfo Vilhena, Câmara Cascudo e a Sociedade Brasileira do Folclore que fundou em 1941 ocuparam no movimento folclórico, comandado pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, agência governamental criada em 1958[7].

A hipótese central desta monografia se desdobra em três idéias que se interpenetram e se sustentam mutuamente. A primeira delas é a de que, para Cascudo, são as tradições e o conteúdo moral que nelas se encerra que identificam o ser humano enquanto tal e o distinguem das demais espécies animais. Vale dizer: as tradições, conquanto particulares e específicas de uma determinada cultura, constituem um dos aspectos que caracterizam a essência do humano e remetem a um Homem universal. Além disso, essa moral que permeia as relações entre os homens é, antes de tudo, uma moral religiosa. É a dimensão do transcendente, do espiritual, que constitui a especificidade do *Homo sapiens* e o distingue das demais espécies animais.

[6] Forma pela qual Câmara Cascudo se autodefine no prefácio de seu livro *Superstições no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985, p. 13.
[7] Luís Rodolfo VILHENA. *Projeto e Missão. O movimento folclórico brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/ Fundação Getúlio Vargas, 1997.

A segunda idéia refere-se ao cunho conservador da concepção de tradição de Câmara Cascudo. Para ele, a tradição é percebida como o aspecto imutável da vida dos grupos humanos. Somente atravessando séculos e milênios sem sofrer as transformações da passagem do tempo, a tradição é capaz de aproximar os homens pertencentes a coletividades e épocas as mais distintas, na medida em que estabelece a ligação entre o particular e o universal. Essa concepção de tradição leva Cascudo a se relacionar com a cultura popular e o folclore de forma tipicamente conservadora. No entanto, a sua abordagem conservadora do folclore assume características muito próprias e se encontra de certo modo na contra-mão de grande parte da intelectualidade brasileira, que se esforça na busca a identidade nacional.

A terceira idéia, por fim, consiste na concepção de Câmara Cascudo de que o progresso científico e tecnológico vem, ao longo do século XX, destruindo tradições e promovendo um regresso moral do ser humano. Isso ocorre, por um lado, através da criação de uma cultura de massa pasteurizada e internacional , mas não universal e, por outro, através da ênfase na idéia de que o homem se reduz aos processos biológicos de seu organismo. Isto leva o homem moderno a cultivar valores como o utilitarismo e o materialismo, em detrimento de valores éticos e espirituais. Esse homem eminentemente biológico perde sua essência humana e se aproxima dos animais irracionais cuja existência é orientada apenas por instintos orgânicos. Cascudo estabelece, dessa forma, uma relação dicotômica entre tradição e progresso, informada pelo seu conservadorismo intelectual e político. Os conceitos de permanência ou persistência, anonimato e antigüidade — essenciais para sua concepção de folclore e cultura popular —, bem como a relação entre cultura popular (heterogênea) e cultura de massa (homogênea), são fundamentais para compreender a tensão entre tradição e progresso no pensamento de Cascudo.

Acredito ainda que a concepção cascudiana de progresso se insere na perspectiva — de acordo com Jacques Le Goff, típica do pós guerra — segundo a qual os progressos tecnológico e moral não somente se encontram desvinculados, mas também se contrapõem.

A hipótese acima apresentada foi formulada a partir da leitura das três obras de Câmara Cascudo que constituem as fontes centrais desta monografia. A primeira delas, *Canto do Muro. Romance de Costumes*, foi escrita em 1957 e publicada pela primeira vez em 1959. Sobretudo o último capítulo do livro, intitulado "*Magestati naturae par*

ingenium", permite perceber os vínculos que o autor estabelece entre tradição, moral e religião e como opõe esses conceitos às idéias de progresso material e científico, pragmatismo e utilitarismo. Neste capítulo, Cascudo apresenta a tensão entre tradição e progresso através da questão da moral. Discute, por um lado, o afastamento do homem de uma moral religiosa e sua substituição por uma moral pragmática. Por outro lado, argumenta que os progressos da ciência, sobretudo da medicina, constróem a imagem de um ser humano reduzido aos processos biológicos de seu organismo. Desse modo, o homem só se diferenciaria dos demais animais por possuir uma inteligência mais desenvolvida. Portanto, a ciência considera-se capaz de desenvolver, por exemplo, um robô cujo comportamento e capacidades sejam idênticos aos do ser humano. Cascudo abomina esta idéia e lamenta que esses dois processos estejam promovendo uma "desespiritualização" do homem. Na sua perspectiva, este homem-robô, submetido aos seus instintos e tendo rompido relações com a moral religiosa, não é muito diferente do seu "antepassado" gorila. O homem pragmático do mundo moderno teria retornado a uma espécie de "estado de natureza".

Pretendo analisar como, para Cascudo, essa moral de cunho religioso que vem se perdendo no mundo moderno é construída no âmbito das tradições de cada cultura específica. Para tanto, será fundamental a análise de algumas das questões presentes em *História da Alimentação no Brasil*. Cascudo escreveu este livro — encomendado pela Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II, por intermédio de Assis Chateaubriand — entre 1962 e 1963, mas o texto só foi publicado pela primeira vez em 1983. O autor faz, nesta obra, um estudo etnográfico da formação da cozinha brasileira a partir das culinárias africana, indígena e portuguesa. A questão mais relevante para a monografia é a da destruição das tradições alimentares de cada povo pela difusão de uma "cozinha internacional", que homogeneiza hábitos alimentares e que é bem representada pelos enlatados. A partir desta questão, o autor desenvolve a idéia de que o progresso material cria mecanismos de dissolução das diferenças culturais e tende a eliminar o particular em prol do internacional. E Cascudo acredita que é no particular que o ser humano se afirma como tal. O particular é, para ele, a manifestação do *Homem* universal.

Civilização e Cultura é uma obra da fase mais tardia da vida intelectual de Cascudo, em que o autor faz um esforço de sistematização do seu trabalho de etnógrafo. O livro

parece ser uma resposta de Cascudo às críticas a ele dirigidas quanto à ausência de uma sistematização e de uma filiação teórica na sua produção etnográfica e folclórica. Ao longo dos capítulos em que procura teorizar a formação das culturas nas sociedades humanas, toca novamente no tema da tradição e da moral como fatores de definição de uma essência humana que confeririam ao homem uma posição de superioridade e de domínio em relação ao restante do planeta.

Tentarei fazer uma análise integrada das três obras, sugerindo que a questão que as conecta é a da perda pelo homem do sentido da sua humanidade, na medida em que o progresso científico e material destrói as tradições, através das quais esse sentido se manifesta.

Além dos três livros acima mencionados, que constituirão a fonte central dessa monografia, outras obras de Câmara Cascudo serão fundamentais para o desenvolvimento e verificação da hipótese anteriormente proposta. São elas: *Tradição, ciência do povo* (1971), *Folclore do Brasil* (1967), *Viajando o Sertão* (1934) e *Geografia dos Mitos Brasileiros* (1947). Serão ainda utilizados outros escritos do autor analisados no âmbito da equipe de pesquisa que integra o projeto.

O trabalho com os conceitos de tradição e progresso na obra de Luís da Câmara Cascudo exigirá o exame do material empírico que constitui a fonte documental desta monografia à luz das análises desenvolvidas por alguns autores. Para trabalhar a tensão entre as noções de *progresso material* e *progresso moral* no pensamento de Cascudo, lançarei mão da análise de Jacques Le Goff[8] acerca do desenvolvimento e das transformações da idéia de progresso na história do pensamento ocidental. No que diz respeito ao caráter conservador do conceito de tradição na perspectiva do intelectual potiguar, utilizarei a análise de Karl Mannheim, em *O Pensamento Conservador*[9]. No que se refere à fundamentação da autoridade de Câmara Cascudo como estudioso das manifestações culturais tradicionais e à auto-imagem que constrói de um intelectual na

[8] Jacques LE GOFF. "Progresso-Reação" (vol. 1). In: *Enciclopédia Einaudi*. [Lisboa]: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984.
[9] Karl MANNHEIM. "O Pensamento Conservador". In: José de Souza MARTINS. *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: HUCITEC, 1981.

interseção das culturas popular e erudita, serão de grande importância os trabalhos de James Clifford[10], Néstor García Canclini[11] e José Reginaldo Santos Gonçalves[12].

Por fim, será imprescindível para a realização desta monografia a utilização de tudo o que tem sido produzido por todos e por cada um dos participantes dos dois Projetos Integrados de Pesquisa anteriormente mencionados. Desde artigos em revistas, monografias e dissertação de mestrado[13] a instrumentos de trabalho como fichamentos de livros e cronologias. Mas, sobretudo, foi de fundamental importância a interlocução com os outros membros do grupo, ao longo destes quatro anos de pesquisa.

[10] James CLIFFORD. "Sobre a autoridade etnográfica". In: *Idem*. *A experiência etnográfica no século XX*. José Reginaldo Santos Gonçalves (org.). Rio de Janeiro: ED.UFRJ,1998

[11] Néstor García CANCLINI, *op. cit.*, 1998.

[12] José Reginaldo Santos GONÇALVES. "Cotidiano, Corpo e Experiência: reflexões sobre a etnografia de Luis da Câmara Cascudo", Mimeo, 1999.

[13] As monografias de Mirella De Santo FARIAS. *Memórias de um Menino Sertanejo. O Sertão de Luís da Câmara Cascudo*. (Monografia de Bacharelado). Mimeo, 2001 e de Joana Cavalcante de ABREU. *Um Patrimônio de Tradições: o folclore na produção intelectual de Cecília Meireles e Luís da Câmara Cascudo*. (Monografia de Bacharelado). Mimeo, 2001 e a dissertação de mestrado de Sílvia Ilg BYINGTON, *op. cit*., 2000.

Capítulo 1:

O gorila e o predestinado

Por que, Dona Evolução, houve esta diferenciação para o império justamente no ente fisiologicamente menos dotado de recursos físicos de resistência, reação e supremacia? Luís da Câmara Cascudo[14]

Como uma das cinco epígrafes do seu livro *Civilização e Cultura* (1973)[15], Câmara Cascudo escolheu dois versos de Longfellow:

"*Dust thou art, to dust returnest,*
Was not spoken of the soul.."[16]

A escolha da epígrafe é significativa para a compreensão da perspectiva de Câmara Cascudo no que diz respeito ao lugar que o ser humano ocupa no mundo, lugar que este autor considera privilegiado. É também significativa para que se possa alcançar o sentido da crítica que Cascudo dirige aos caminhos trilhados pela ciência de seu tempo. No último capítulo de seu livro *Canto de Muro. Romance de Costumes* (1959), o autor desenvolve toda sua argumentação em torno da idéia de que a combinação particular entre conhecimento científico e progresso material, típica de sua contemporaneidade, tem proporcionado ao homem, acima de tudo, infelicidade e angústia.

"*Do pó vieste, ao pó retornarás. / Não foi dito da alma*". Através desta epígrafe, Cascudo procura enfatizar a idéia de que a alma humana não é perecível, porquanto não é matéria, não é determinada pela matéria nem pode ser a ela reduzida. Está aí o fundamento do argumento que desenvolve em contraste com o que considera a tendência dominante da ciência de seu tempo de reduzir o ser humano ao seu corpo-matéria, de estabelecer uma relação determinística entre os aspectos da alma humana e as necessidades do organismo.

Para Cascudo, o que define o lugar do homem no mundo e a sua relação com os demais seres que habitam este planeta não são as especificidades do organismo humano,

---

[14] Luís da CÂMARA CASCUDO. *Canto de Muro. Romance de costumes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, pp.242-243.
[15] Luís da CÂMARA CASCUDO. *Civilização e Cultura. Pesquisas e notas de etnografia geral*. Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio/INL, 1973.
[16] *Idem, ibidem*, p. VIII.

mas o desenvolvimento de uma vida espiritual, privilégio do *Homo sapiens* e fator de diferenciação em relação a todas as demais espécies animais.

Ao longo de sua vida como etnógrafo e folclorista, Câmara Cascudo elegeu como objeto de estudo o *homem comum*. Por vezes o *homem brasileiro,* por outras o *homem nordestino* ou, mais particularmente, o *homem sertanejo*. Entre os mais de 150 livros que publicou, ao longo de seis décadas de trabalho, muitos dizem respeito aos elementos que integram a cultura popular brasileira no âmbito do cotidiano desse *homem comum*: os seus gestos, a sua linguagem, os seus alimentos, os seus mitos e superstições.[17] Em todos esses casos, Cascudo buscou apreender seu objeto na interseção entre o particular e o universal. Ele procurou capturar o *homem* no ponto de encontro entre os *homens,* pertencentes a diversos grupos humanos, portadores de tradições culturais distintas, e o *Homem*, com inicial maiúscula, o ser humano em sua essência, naquilo que é absoluta e universalmente humano. Outras vezes aborda seu objeto com um olhar de antropólogo, percebendo não o Homem, mas os homens em sua alteridade, inseridos em culturas particulares.

O universal e o particular não se excluem no pensamento de Cascudo. Ao contrário, encontram-se intrinsecamente ligados e o elemento responsável por essa ligação é a tradição. A tradição é, na perspectiva de Cascudo, simultaneamente, aquilo que um grupo humano tem de mais próprio, de mais particular e aquilo que o vincula à grande comunidade humana.

Uma das marcas dos trabalhos etnográficos, folclóricos e mesmo historiográficos de Câmara Cascudo é a busca das origens de costumes, de elementos e manifestações tradicionais. Esse recorrente interesse do autor pela questão das origens parece constituir um exercício de busca do universal no particular, do essencial no múltiplo, da unidade na diversidade. É seguindo essa linha de pensamento que Cascudo pode encontrar correspondência entre uma superstição do sertão nordestino e um ritual tradicional da Grécia Antiga, como explicita no trecho a seguir:

> " A 'comadre' sertaneja de Santa Cruz ajudava Ilitia, como todas as mães gregas e romanas, milênios antes de Cristo. .... – Meninos eu vi!... Vira um

[17] Ver, respectivamente, CÂMARA CASCUDO, Luis da. *História dos nossos gestos: Uma pesquisa mímica do Brasil*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1976; *Locuções tradicionais no Brasil*. Recife: UFP, 1970; *História da Alimentação no Brasil.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967; *Geografia dos Mitos Brasileiros*. Coleção Documentos Brasileiros, 52. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947; e *Tradição, ciência do povo : Pesquisas na cultura popular do Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

> rito sagrado em plena função defensiva, da Tebas grega ao sertão do Rio Grande do Norte. Indiscutível. Típico. Real." [18]

Cascudo não procura fornecer uma explicação teórica única que dê conta desta correspondência. O que de fato interessa a Cascudo é que as tais correspondências entre o particular e o universal não constituem meras coincidências. Elas apontam para a idéia de que, na sua diversidade, o homem é uno. Para este autor, o mais importante é que, se cada grupo humano possui suas tradições específicas e distintas das de outros grupos, o que todos eles têm em comum é precisamente a capacidade de construir tradições. E, segundo Cascudo, toda tradição abriga um código moral. Código este que rege as relações humanas, distinguindo-as das relações estabelecidas entre os indivíduos das demais espécies animais, orientadas não pela moral mas pelos instintos, pelas leis naturais do "mais forte" e do "mais hábil". No caso do *Homo sapiens* não são apenas as necessidades orgânicas (alimentação, reprodução, proteção etc.) ou as condições materiais, força ou habilidade, que regem a sociabilidade, mas sim a vida espiritual na qual se inscreve a moralidade. Para Cascudo a moral não é filha da necessidade, mas da centelha de divindade que há no homem. Segundo este autor, toda moral é religiosa, toda moral, por mais pragmática que aparente ser, possui uma essência divina, ainda que enfraqueça à medida em que se afasta dessa essência. A partir desse núcleo religioso da moral, no qual os valores éticos se fundamentam sobre alicerces espirituais, surgem outras esferas de moral. Quanto mais avançam os valores materialistas inerentes ao progresso técnico e científico das sociedades, mais se fragmenta a moral. Segundo Cascudo, à moral religiosa, segue uma moral doméstica, uma moral social, uma moral política, uma moral econômico-financeira. Cascudo desenvolve a idéia de que os homens forjam um conjunto de regras e princípios para cada espaço de sociabilidade que surge à medida em que as sociedades se tornam mais complexas. Entretanto, as sociedades modernas, informadas pelo progresso material, constituem esferas de moral cada vez mais distantes de seu núcleo religioso e, por conseguinte, cada vez mais enfraquecidas.

Voltarei mais cuidadosamente à questão do enfraquecimento da moral pelos valores produzidos pelo progresso científico. Por hora, gostaria de desenvolver a idéia de que, para Cascudo, a moral alinhava as relações cotidianas dos homens, fundamentando os elementos que constituem a *normalidade* de um determinado grupo humano. As noções *normalidade*

[18] Luís da CÂMARA CASCUDO, o*p. cit.*, 1971, p. 150.

e *normal* são amplamente utilizadas por Cascudo para referir os costumes, as manifestações tradicionais, corriqueiras e habituais em uma determinada cultura. Quando Cascudo se debruça sobre a cultura popular e o folclore e os toma como objeto de estudo, são esses *elementos da normalidade* que está buscando. Na sua *Antologia do Folclore Brasileiro*, Cascudo alude a elementos culturais que por terem sido vistos no Brasil "pertencem à normalidade do Homem brasileiro, branco, negro, mestiço ou indígena"[19]. Mesmo quando realiza um exercício de teorização da função do historiador na sua relação com a documentação, Cascudo estabelece uma oposição entre a história dos heróis e dos fatos extraordinários e a história dos homens no seu cotidiano, que se desenrola no que ele chama e "cenário comum e banal", vale dizer, a *normalidade* na história:

> "A forma real heroicamente humana de sentirmos e vivermos a História é procurar a normalidade da ação, isto é, a ação no germe, não a tempestade estalando no ar como um castigo, mas acompanhar a evaporação, a formação invisível do fenômeno, a condensação vagarosa dos elementos que deflagrarão a rutilância cegante do meteoro."[20]

O *normal* é distinto do *natural*. Poder-se-ia dizer que, na concepção de Cascudo, estes dois termos são mesmo antagônicos. A *normalidade* é constituída através do tempo, na história, ainda que, em sua perspectiva, uma vez construída, ela possa transcender o tempo e a história, ligando passado e presente pela fixidez e permanência de determinada tradição[21]. A idéia de *natural* pode ser remetida ao plano do biológico, do orgânico. Por conseguinte, enquanto o *normal* é especificamente humano, o *natural* se refere aos seres vivos em geral. Cascudo admite que manifestações da vida *normal* de determinados grupos humanos possam inicialmente ter sido respostas a necessidades básicas do homem. Em *Civilização e Cultura*, ele afirma: "Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica improvisada pela urgência vital." [22]. No entanto, os elementos *normais* das culturas humanas permanecem para além das

[19] Luís da CÂMARA CASCUDO. *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2001, p. 16.
[20] Luís da CÂMARA CASCUDO. "A Função dos Arquivos". Separata da *Revista do Arquivo Público*, ano 7 a 10, n.9-12. Recife, Arquivo Público, 1952-1956.
[21] Câmara Cascudo, em geral, percebe as tradições como fenômenos imóveis, que permanecem imutáveis através dos séculos. Cascudo recorrentemente define esta concepção de tradição através da expressão "contemporaneidade do milênio".
[22] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1973, p.50.

necessidades básicas do homem. O primitivo sentido pragmático dos fenômenos tradicionais dilui-se; permanece o seu significado simbólico.

Cascudo acredita que apenas o *Homo sapiens*, entre todas as espécies animais do planeta, foi capaz de transpor o limite entre o *natural* e o *normal*, vale dizer, entre natureza e cultura. Foi precisamente a transposição desse limite que permitiu ao homem dominar o planeta e as demais espécies animais, a despeito de sua inferioridade biológica em relação a muitas delas.

A pergunta que o folclorista potiguar tenta responder ao longo de todo o último capítulo do *Canto de Muro* é por que o homem teria alcançado essa posição privilegiada na hierarquia dos seres vivos se ele não é nem mesmo a mais forte, a mais hábil ou a mais organizada das espécies animais. Essa pergunta é formulada, ainda que sob forma de afirmativa, no seguinte trecho de *Civilização e Cultura*:

> "Creio que do ponto de vista didático o nascimento da cultura humana iniciou-se com os vestígios materiais da indústria lítica, enfrentando pela inteligência o complexo atordoador da natureza hostil e virgem. Articulá-la com o esforço animal, na plenitude do instinto defensivo, é apenas um exercício intelectual em favor da ditadura biológica. Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da casualidade e do fatalismo, inaceitáveis ambos. Não sendo conhecida de doutrina alguma contemporânea a explicação, mesmo primária, do processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo Sapiens, porque justamente o tipo menos biologicamente resistente foi o escolhido para a vitória fisiológica de todas as forças brutas, bestiais e telúricas, ensinar-nos da aprendizagem pela observação zoológica jamais provará porque o Rei da Criação, senhor das técnicas, não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores. E continua tendo problemas de organização e de acomodação no meio dos semelhantes, inquietos e desconfiados."[23]

A idéia de que a ciência, através de métodos empíricos ("observação zoológica") ou de teorias de história natural (o evolucionismo darwiniano, por exemplo), nunca será capaz de explicar a superioridade do ser humano também está presente em

[23] *Idem*, *ibidem*, pp.49-50.

Canto de Muro. Ao logo dos capítulos deste livro, Cascudo desenvolve um estudo acerca das características comportamentais e fisiológicas de diversas espécies animais que observa, escondido atrás de uma samambaia, no fictício canto de muro. Suas observações o levam a concluir que os animais ditos "irracionais" não são tão irracionais assim, não são meramente governados por seus instintos, possuindo um certo nível de inteligência uma vez que são capazes de improvisar em situações que se lhes apresentam como inteiramente novas. Cascudo acredita, portanto, que não é apenas o grau de inteligência que permitiu ao *Homo sapiens* se tornar o "Rei da Criação".

A inteligência humana é de natureza distinta daquela dos demais animais. Ela não constitui simples função do organismo humano, pois possui algo de divino. Cascudo crê que a posição privilegiada do homem na hierarquia dos seres que habitam o planeta Terra é dada por uma predestinação divina. O ser humano não é capaz de submeter o gorila apenas porque este último possui um organismo menos evoluído, mas sim porque, ao contrário do gorila, o homem foi predestinado por Deus para se tornar senhor do mundo:

> "(...) Não foi apenas o cérebro. Um elefante tem o cérebro mais pesado e mais bem desenhado que o de Anatole France. Foi uma destinação. Nenhuma espécie antes do Homem sentiu sua missão, um impulso obscuro, irresistível e contínuo para a soberania incontestada, o reino sem disputa, o comando sem concorrentes. (...) Por que, Dona Evolução, houve esta diferenciação para o império justamente no ente fisiologicamente menos dotado de recursos físicos de resistência, reação e supremacia? Por que unicamente ele recebe o toque da predestinação para vencer o tempo, a morte, a bruteza irracional que o cercava? Por que este tipo marcha ereto, usa as mãos para construir instrumentos, cria o fogo, sepulta seus mortos, grava desenhos e canta com intenção oblacional? Ah! Minha Dona Evolução, não é somente na esfera religiosa que se precisa de fé. É imprescindível a fé para não discutir com a minha dona, seus dogmas, suas soluções, suas sentenças."[24]

Na parte final do trecho acima transcrito, Câmara Cascudo contesta o que lhe parece uma infundada confiança na racionalidade das explicações materialistas da ciência moderna. Ainda que se tente explicar a matéria pela matéria, ou seja, o homem exclusivamente pelo seu organismo, não se é ainda capaz de desprezar a fé na aceitação

[24] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1959, pp.242-243.

dessa explicação. Argumenta que a fé não é menos necessária quando se quer defender que o ancestral do homem é o gorila do que quando se afirma que somos fruto da combinação de barro e sopro divino[25]. Na "Preliminar" do *Civilização e Cultura*, ao defender a utilização da Bíblia como documento válido na investigação científica, Câmara Cascudo retoma o argumento de que a fé é elemento indispensável na ratificação de teses científicas:

> "Comumente a citação bíblica, em livros de natureza expositiva como este, é recebida como confissão ortodoxa e marca-se o autor com a nota de suspeição cultural e heresia *científica*, porque o fundamento clássico da sábia independência imparcial é a incredulidade religiosa. Dispensa-se acreditar em Deus, basta acreditar no hidrato de Carbono. Devemos ser devotos e crédulos para os 'evangelhos' convencionais incomprovados mas tidos por indispensáveis e básicos. É preciso ter fé, firme e sólida, na religião da ciência, revelada por tantos messias cíclicos."[26]

Para Câmara Cascudo, os homens de seu tempo incorrem em um duplo erro: iludem-se ao acreditarem que os princípios científicos são imanentes ao mundo material, não se tratando de questão de fé, e surrupiam a si próprios o posto privilegiado de "Reis da Criação", ao qual foram destinados por Deus. Segundo Cascudo, o progresso material associado aos progressos do conhecimento científico, teria levado ao domínio do que chama de "dogma da vida material", o qual se manifesta de dois modos que, afinal, são duas faces de uma mesma moeda.

O "dogma da vida material" leva à substituição da moral religiosa, que para Cascudo é a verdadeira moral, aquela que define a essência do humano, por um conjunto de "morais" pragmáticas, adaptáveis a interesses e situações cotidianas. Há assim uma moral doméstica, uma moral política, uma moral social, uma moral econômico-financeira, constituindo cada uma delas uma esfera cujo centro é a moral religiosa, da qual quanto mais distantes se encontre mais enfraquecida se torna. Operando a partir dessa concepção pragmática de moral, os homens são corrompidos por interesses econômicos ou pela própria vaidade e desejo de prestígio social. E ainda que haja alguns homens de ciência que

[25] John Bury no seu *The Idea of progress*. New York: Macmillan, 1932, desenvolve argumento análogo no que se refere à própria idéia de progresso: "Enough has been said to show that the Progress of humanity belongs to the same order of ideas as Providence or personal immortality. Its true or it is false, and like them it can not be proved either true or false. Belief in it is an act of faith." (p. 4)

[26] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1973, "Preliminar", pp. XV e XVI.

sejam movidos por ideais desinteressados, os indivíduos e as instituições que financiam pesquisas científicas e difundem seus resultados têm transformado o conhecimento em mercadoria. Sob o "dogma da vida material", o homem volta à natureza e em lugar de se orientar por transcendentes princípios morais, submete-se, tal qual o gorila, às leis naturais do mais forte e do mais hábil.

O "dogma da vida material" manifesta-se também quando modernas teorias científicas, como o evolucionismo darwiniano e teses da psicologia moderna e da psicanálise, aprisionam o homem ao seu organismo. Se, por um lado, os progressos científicos, sobretudo na área da medicina, têm prolongado a vida humana, por outro, não têm tornado essa vida necessariamente mais feliz. Pelo contrário. Cascudo afirma que o homem de seu tempo é mais infeliz:

> "Estamos vivendo a vários decênios sob o signo da angústia e debaixo do clima apavorante do medo coletivo. Todas as virtudes sustentadoras do Homem estão desaparecendo, confiança, fé, esperança, as deusas da amizade, as alegrias sem interesse, a paixão artística, o sonho boêmio, as vidas vão perdendo sua força de contágio no sentido do Belo e do Divino."[27]

O autor argumenta, no capítulo final do *Canto de Muro*, que as explicações materialistas do mundo, fornecidas pela ciência moderna, estão destruindo o lirismo e a beleza preservados pelas perspectivas tradicionais de compreender o mundo. A tradição, ao valorizar o imaterial, o *sobrenatural* (portanto, o *normal*), é pura poesia:

John Bury, no seu *The Idea of Progress*[28] , afirma que o desenvolvimento da idéia de progresso e os efeitos do progresso científico foram acompanhados da diminuição do ser humano quanto a posição privilegiada que ocupava no universo. Primeiramente, com a teoria heliocêntrica de Copérnico, o homem foi retirado do centro do universo. Mais tarde, Darwin retira do homem aquilo que o diferenciava das demais criaturas. Embora esta argumentação, desenvolvida por Bury, esteja presente de forma semelhante no *Canto de Muro* e em *Civilização e Cultura*, Cascudo crê que o homem ainda pode resguardar um pouco de sua especificidade, um pouco daquilo que o distingue dos outros animais. Mas não poderá fazê-lo através das teses materialistas da ciência moderna. Deverá fazê-lo

[27] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1959, p. 239.
[28] John BURY, *op. cit.*, 1932.

através da preservação das tradições que, segundo ele, são âmbitos em que vive ainda o mundo do espírito e nele o lirismo da existência e a moral.

Capítulo 2

O Celacanto e o Robô

"O Povo guarda e defende sua Ciência Tradicional, secular patrimônio onde há elementos de todas as idades e paragens do Mundo". Luís da Câmara Cascudo[29]

A tradição-celacanto

Em mais de um de seus livros, Câmara Cascudo faz referência ao celacanto: um peixe do período Devoniano que vive ainda hoje, sem ter aparentemente sofrido evolução alguma . O celacanto pode ser considerado um fóssil vivo. Vive há aproximadamente três milhões de anos e, tendo sido contemporâneo dos dinossauros, o é também dos homens da era do cinema, do automóvel, das viagens espaciais. O celacanto expressa e encarna a "contemporaneidade no milênio", expressão fartamente utilizada por Cascudo. O Celacanto representa a tradição, guardada e preservada pelo povo.

Como afirma através do título de um de seus livros, a tradição é, para Cascudo, a "ciência do povo"[30]. É no folclore de cada grupo humano que a tradição pulsa com maior intensidade. E, na concepção de Cascudo, a tradição, tal como o celacanto, sobrevive imutável ao longo dos séculos, e mesmo dos milênios. Tradição é permanência. Portanto, os espaços em que a tradição se abriga, como o folclore, são por excelência espaços de permanência. Em seu livro *Folclore do Brasil*, afirma: "Nós somos, em alta percentagem, uma continuidade com raras mutações"[31]. E, mais adiante:

> "O folclore sendo uma cultura do povo é uma cultura viva, útil, diária, natural. O folclore é o uso, o emprego imediato, o comum embora antiquíssimo. As raízes imóveis no passado podem ser evocadas como indagações da antigüidade."[32]

[29] Luís da CÂMARA CASCUDO, o*p. cit.*, 1971, p. 29.
[30] *Idem, ibidem.*
[31] Luís da CÂMARA CASCUDO. *Folclore do Brasil. Pesquisas e notas*. Rio de Janeiro / São Paulo: Fundo de Cultura, 1967, p.10.
[32] *Idem, ibidem*, p. 12.

A própria definição que Cascudo dá para conceito de folclore o caracteriza como reduto das forças da permanência. Uma manifestação folclórica defini-se, para ele, pela antigüidade, pelo anonimato, pela persistência e pela divulgação[33].

A despeito da difundida idéia de que Cascudo iniciou seus estudos de folclore influenciado e incitado por Mário de Andrade[34], e da forte amizade que os dois mantiveram desde o fim da década de 1920 ao início dos anos 40, a concepção cascudiana de tradição se aproxima muito mais da concepção de cunho conservador dos modernistas do grupo verde-amarelo que da concepção andradiana.

Se para Mário de Andrade a tradição se inscreve no tempo e na história, atualizando-se constantemente, na perspectiva regionalista dos verde-amarelos, a noção de tradição assume um caráter predominantemente geográfico, espacial. Nas palavras de Mônica Pimenta Velloso, os verde-amarelos forjam uma "visão pitoresca e estática da tradição"[35]. A tradição-celacanto construída por Câmara Cascudo assemelha-se em muitos aspectos a essa perspectiva verde-amarela e se opõe ao conceito de "tradições móveis" de Mário de Andrade. Tanto os verde-amarelos como Cascudo compartilham de uma concepção de tradição que se situa para além do tempo, na medida em que se fixa no espaço. Passado e presente se sobrepõem e podem coexistir porquanto se enraízam em uma mesma geografia:

> "Os verde-amarelos (...) consideram a tradição um valor que extrapola o contexto histórico. Assim ela transcende o tempo cronológico para se fixar no mito das origens. Este mito cria um tempo ideal que deve ser revivido, retomado, pois nele reside a brasilidade. A tradição permanece, portanto, afixada em um momento e espaço precisos: eles são plenos de significados. Não há que atualizá-la, conforme o quer Mário de Andrade, já que ela não pertence ao temporal, mas ao espacial (...)"[36]

[33] *Idem*, *ibidem*, p.13.
[34] Esta idéia é baseada na correspondência de 09/06/1937 de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo. Na carta Mário de Andrade escreve: "Você tem a riqueza folclórica aí passando na rua a qualquer hora. Você precisa um bocado mais descer dessa rede em que você passa o tempo inteiro lendo até dormir."
[35] Mônica Pimenta VELLOSO. "A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, FGV/CPDOC, 1993, p. 98.
[36] *Idem*, *ibidem*, p. 99.

De acordo com de Karl Mannheim, em *O Pensamento Conservador*[37], esse predomínio do espaço em detrimento do tempo constitui uma característica central do pensamento conservador. A noção de tradição-celacanto carrega uma forte marca de conservadorismo. No entanto, se para os verde-amarelos passado e presente coexistem na mesma região, na geografia local, para Cascudo, a tradição extrapola as fronteiras da região, conectando-se com os aspectos universais da vida do homem na terra.

A relevância que Câmara Cascudo atribui ao *local* e ao *particular* aproxima-o da perspectiva regionalista dos verde-amarelos. Embora não se possa caracterizar este autor como um intelectual regionalista, tal como os verde-amarelos ele remete o nacional a um plano secundário. Ao contrário de Mário de Andrade, que se dedica a apreender nas diversas manifestações regionais da cultura popular e do folclore uma essência comum que constitua o singularmente brasileiro, declarando-se mesmo contrário a qualquer regionalismo, os verde-amarelos desejam impor as características e tradições de sua própria região — que, no caso, é São Paulo — como o parâmetro de um nacional a ser construído. E, conquanto Cascudo não pretenda impor as tradições do sertão nordestino como modelo para o restante do país, ele dirige suas atenções para o local, atribuindo menor importância à idéia de nacional. Segundo José Reginaldo dos Santos Gonçalves[38], o enfoque que Cascudo dá aos seus estudos sobre folclore complexifica a tese corrente de que toda a produção dos cientistas sociais brasileiros está comprometida com os princípios da integração e da identidade nacionais. Na obra de Cascudo, a província aparece como uma categoria positiva e como elemento que reforça a autoridade intelectual de Cascudo que, em diversos momentos, refere-se a si próprio como um "provinciano incurável".[39]

Ao contrário, todavia, dos verde-amarelos que valorizam a região em si mesma e por si mesma, não indo além de colocá-la em uma posição hierarquicamente privilegiada em relação ao restante do país, Cascudo promove a interpenetração do regional e do universal. Como uma célula que possuiu em miniatura todas as característica do corpo humano, para Cascudo, a província contém em si o mundo. E não apenas a *sua* província, mas *toda e qualquer* província. A geografia dos verde-amarelos é São Paulo. A geografia

[37] Karl MANNHEIM, *op. cit.*, 1981.
[38] José Reginaldo Santos GONÇALVES, *op. cit.*, 1999.
[39] Luís da CÂMARA CASCUDO. "Um Provinciano Incurável". *Província*, Natal, Fundação José Augusto/UFRN/IHGRN, 1998, p. 6.

de Cascudo é o planeta terra, ainda que sempre partindo do local, do regional, do provinciano. Por conseguinte, se ao buscar as origens das tradições regionais os intelectuais verde-amarelos se limitam ao início do período colonial brasileiro, Câmara Cascudo expande seu olhar ao início da formação das sociedades humanas. Os verde-amarelos poderiam no máximo aludir a uma contemporaneidade no século. O folclorista potiguar fala em "contemporaneidade no milênio". Para Cascudo, a tradição, como o celacanto, permanecendo viva e inalterada através dos milênios, aproxima o homem moderno dos seus mais remotos ancestrais:

> "Verifica-se essa contemporaneidade no milênio. O universalismo no regional. (...) O grande passado vive em nós, perceptível. (...) De surpresa em surpresa constatamos a proximidade com os povos longínquos e o fidelismo aos costumes centenários (...)"[40]

Como já ficou dito anteriormente, para Cascudo a tradição é a marca distintiva do humano. A tradição informa a *normalidade* da vida cotidiana dos homens, diferenciando-os dos demais animais que vivem segundo as leis da natureza, orientados por seus instintos. No livro *História da Alimentação no Brasil*, percebe-se claramente a tradição como singularidade da espécie humana, através da oposição que Cascudo faz entre *nutrição* e *paladar*. O homem primitivo, não sedentário, cuja existência era ainda orientada pelas leis da natureza, alimentava-se apenas para nutrir-se, ou seja para sobreviver. A escolha dos alimentos era determinada por suas necessidades nutricionais. À medida em que o homem evolui e estabelece vínculos sócio-culturais mais complexos, inicia a construção de sua tradição alimentar, a qual se fundamenta muito mais no paladar que na nutrição. Segundo Cascudo, cada povo possui um paladar específico, ligado às suas crenças, costumes, ritos tradicionais que nem sempre determinam hábitos alimentares correspondentes a uma alimentação ideal em termos nutricionais.

Cascudo acredita que a religião é o fator que promove inicialmente esse divórcio entre nutrição e costumes alimentares, impondo uma série de tabus alimentares, elegendo alimentos sagrados e proibindo outros. Na perspectiva do autor, essa origem religiosa dos hábitos alimentares geralmente se perde na memória dos povos; permanece a tradição:

---

[40] Luís da CÂMARA CASCUDO. *Anubis e outros* ensaios. In: *Superstição no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985, p. 13.

> "O limite inicial seria, outrora, dado por um tabu religioso. O tabu dissolveu-se no costume, mas o costume é lei iderrogável.
> (...)
> Explica-se desta forma que a alimentação humana esteja muito mais poderosamente vinculada a fatores espirituais em exigência tradicional que aos próprios imperativos fisiológicos."[41]

Os espaços da tradição

Para Câmara Cascudo, a alimentação é, dentro da cultura popular, um dos espaços privilegiados da tradição e, por conseguinte, das manifestações folclóricas:

> "Existe a evidência de expor padrões alimentares que continuam inarredáveis como acidentes geográficos na espécie geológica. Espero mostrar a antigüidade de certas predileções alimentares que os séculos fizeram hábitos, explicáveis como uma norma de uso e respeito de herança dos mantimentos de tradição. A modificação desses usos dependerá do mesmo processo de formação: o tempo."[42]

A alimentação é um espaço no qual as forças da permanência são capazes de resguardar os antigos costumes, o *habitus* de cada povo — para utilizar um termo do sociólogo alemão Norbert Elias, que remete à idéia de uma espécie de personalidade coletiva, própria de um determinado grupo e que se forma ao longo de seu processo histórico[43]. Por vezes Cascudo mostra grande confiança nessas forças da permanência. Enquanto muitos dos aspectos do cotidiano assimilam com mais ou menos facilidade os modismos e as novidades, no ato de alimentar-se, o homem conserva seus ritos, seus tabus e, sobretudo, suas preferências:

> " (...) a eleição de certos sabores que já constituem alicerce de patrimônio seletivo no domínio familiar, de regiões inteiras, unânimes na convicção da excelência nutritiva ou agradável, cimentada através de séculos, não se transforma com a mesma relativa facilidade da mudança de trajes

[41] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1983, pp. 27-28.
[42] *Idem*, *ibidem*, pp. 18-19.

> femininos ou aceitação de transportes mais velozes e de melhor capacidade de carga nos veículos."[44]

O paladar, como já foi dito, não é algo natural. Constrói-se à medida que se forma a tradição de um povo. Mas cada povo considera seu paladar como o bom e o verdadeiro, naturalizando-o. Talvez, a analogia que Cascudo faz entre os hábitos alimentares e os acidentes geográficos caminhem neste sentido. Para um africano, comer carne putrefata parece tão natural e inalterável quanto o relevo e a vegetação que o rodeia. Cascudo, enquanto etnógrafo, toma para si o papel de desnaturalizar esses hábitos e defini-los como tradição.

Outra manifestação folclórica que, na concepção de Cascudo, constitui também um espaço privilegiado da tradição são as superstições. Nelas, mais do que em qualquer outra manifestação tradicional, Cascudo percebe elementos que constituem a essência do homem. As superstições revelam, aos olhos fascinados do folclorista, o encontro entre passado e presente, entre homens de terras e épocas distintas e distantes. Mais do que qualquer outro elemento da cultura popular, as superstições representam para Cascudo a tradição-celacanto. Superstição é permanência, persistência, resistência milenar. Em *Tradição, ciência do povo*, Cascudo dedica um capítulo ao estudo das superstições:

> "A superstição sempre constituiu para mim uma das mais sedutoras indagações na cultura popular. Mais do que qualquer atualização arqueológica, sentia a unidade humana no mesmo receio temeroso, no mesmo gesto de súplica, na mesma ameaça apavorante. Valorizava-a o inopinado encontro em registos milenares e longínquos, viva em povos que haviam ignorado minha terra e minha gente.(...) Davam-se explicações misteriosas que eram oráculos, ditados pela muda pitonisa da tradição. A literatura greco-romana parecia-me repetir, no infinito do tempo, as vozes mansas do meu povo fiel. Era uma transmigração afetuosa. Almas de Atenas, Tessália, ilhas do Egeu, Siracusa, Roma, Cartago, sibilas, áugures, vestais, arúspices, falando como tia Lica, seu Nô, Bibi, João Monteiro."[45]

---

[43] Norbert ELIAS. *Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
[44] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1983, p. 19.
[45] Luís da CÂMARA CASCUDO, o*p. cit.*, 1971, p. 147

Um terceiro importante espaço de enraizamento da tradição — e nesse caso a noção de espaço assume também o seu sentido geográfico — é o sertão. Segundo Mirella De Santo Farias, Cascudo pertence a uma linhagem de intelectuais brasileiros, da qual também fazem parte Euclides da Cunha e Capistrano de Abreu, que, desde as últimas décadas do século XIX, "têm como foco central o Sertão e a valorização do passado, entendido como tradição"[46]. A contrário do litoral, *locus* do cosmopolitismo, do moderno, da industrialização e do progresso, o sertão é, para Cascudo, o reduto da tradição, de tudo o que é antigo e secular, onde as diversas manifestações folclóricas vivem ainda de forma intensa.

O robô

Cascudo apresenta uma postura ambígua quanto à questão da conservação das manifestações tradicionais, em meio às profundas e aceleradas transformações que marcam o século em que vive. Por vezes, demonstra uma forte confiança nas forças de permanência que caracterizam o folclore, uma vez que o folclore assume uma função essencial em toda e qualquer cultura, como explicita no trecho que se segue:

> "Dispensável é qualquer discussão sobre a permanência do folclore no tempo e no espaço. (…) Inútil será pensar que o desenvolvimento industrial anulará o folclore. Fará nascer outro. Essencial é deduzir que o folclore é uma cultura mantida pela mentalidade do homem e não pelo material manejado. O material é que será modelado, elevando-se a um motivo criador. Para que desapareça é preciso que sucumba a própria função. Sempre foi assim, na história do mundo."[47]

Há momentos, no entanto, em que sua análise, tomada de um grande pessimismo, aponta para o perigo da extinção da tradição-celacanto pela ação de um terrível predador: o progresso material. Em uma série de crônicas que publica no jornal *A República*, em maio de 1934, Cascudo relata episódios de uma viagem pelo sertão norte-riograndense, em que integrou uma comitiva que acompanhou o interventor federal Mário Câmara[48]. Cascudo

[46] Mirella De Santo FARIAS, *op. cit.*, 2001, p. 7.
[47] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1967, p.10.
[48] Para uma análise das crônicas de *A República*, intituladas "Viajando o Sertão", ver FARIAS, *op. cit.*, 2001.

constata que os velhos hábitos da tradição popular sertaneja vão sendo substituídos novos, ícones da modernidade e do progresso, que vigoram no litoral. “O sertão descaracteriza-se”[49], diz ele desolado. A vaquejada nordestina tradicional vai sendo substituída pela diversão do “football”. As moças cortam os cabelos, dançam e falam seguindo os modismos das grandes cidades.

As modas internacionalizam os costumes e destroem a tradição. Assim é o progresso: internacionalizante, diluidor de identidades. Na perspectiva de Cascudo a tradição é aquilo que, remontando a uma origem universal, faz cada povo, cada comunidade de seres humanos única e distinta de todas as outras. Se os hábitos, os costumes e as formas de viver e compreender o mundo em que se vive se tornam internacionais, a tradição perde o sentido, transforma-se em herança arcaica e obsoleta na memória coletiva. Cascudo observa, com tristeza, o avanço da cozinha internacional, minando a tão resistente alimentação tradicional, através de uma certa cultura da padronização e do pragmatismo:

> “Para facilitar a ampliação mecânica da produção enlatada impõe-se a cozinha ‘internacional’, padronizando-se médias abstratas e convencionais de pratos que não são de nação alguma e menos construíram alimentos regulares no tempo. Criação racionalista contra a tradição humana e lógica da preferência. Domina o cardápio de que ninguém gosta e com que todos se habituam. Uma cozinha ‘internacional’ é a derradeira submissão humana à sugestão da propaganda comercial.”[50]

Cascudo constata que os progressos da ciência neste meio século que precedera à escrita desse seu livro trouxeram incontáveis benefícios aos homens. A medicina moderna encontrou a cura para diversos males do corpo, o antídoto para inúmeros venenos, vacina para grande parte das doenças. Enfim, o progresso foi capaz de prolongar a vida humana em mais de dez anos, alem de ter promovido a eficaz comunicação entre os habitantes de grande parte do planeta através de meios de transporte extremamente velozes e meios de comunicação instantâneos.

Ainda assim, na perspectiva de Cascudo, os homens desse mundo moderno são profundamente infelizes. Para utilizar uma expressão sua, vive-se sob o “signo da

[49] Luís da CÂMARA CASCUDO. *Viajando o Sertão*. Natal: Fundação José Augusto / CERN, 1984, 3a edição, p. 46.
[50] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1983, p. 43.

angústia"[51]. No verso da quarta folha de guarda do livro de Oswald Spengler, *La decadencia del Occidente*, pertencente à sua biblioteca particular, o folclorista potiguar escreve um pequeno texto, até hoje inédito, acerca da relação entre o progresso material e a angústia no mundo moderno:

> "Qual é a cultura realmente morta no mundo? Mortas estão as criaturas que as criaram e inicialmente viveram. Nós continuamos manejando elementos característicos e essenciais. Desde o paleolítico... Processos vitais inalteráveis – fogo, alimentos, chefes, cerâmica (sic) , domesticação de animais , abrigos, sal, mel, a Lei da Relatividade. Astronave não é indispensável à continuidade humana. Existe realmente uma decadência, não Ocidental mas universal – é o declínio da alegria pela conquista econômica. Perdemos a noção do 'Suficiente. Este é o problema da angustia!
> 10-8-1970 / L da C.C"[52]

Outra vez Câmara Cascudo apresenta a idéia de que são os elementos tradicionais da cultura, que sobrevivem através do milênios, e não os frutos do progresso material como a astronave, que garantem a "continuidade humana". Muito pelo contrário: o mesmo progresso científico, promotor de tantos bens, abriu as portas a esse tempo em que o homem é infeliz. Talvez, este trecho do *Canto de Muro*, em que Cascudo se refere aos benefícios da ciência, permita a compreensão desta aparente contradição:

> "Mas são cousas do corpo, da matéria, do que está condenado a perecer num forno de incineração ou debaixo da terra."[53]

Esta afirmação é decisiva para se compreender o pensamento de Cascudo e impõe a necessidade de fazermos duas distinções importantes quanto ao conceito de progresso. Há que se ter em conta, em primeiro lugar, que nem sempre a idéia de progresso material, técnico-científico, é acompanhada da idéia de progresso moral. Segundo Jacques Le Goff em seu artigo "Progresso/Reação", da Enciclopédia Einaudi[54], em muitos períodos da

[51] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1959, p. 239.
[52] *Idem.* Manuscrito inédito (Localizado por Margarida de Souza Neves In: Oswald SPENGLER. *La decadencia del Occidente*. Madrid: Espasa Calpe, 1958, verso da quarta folha de guarda da encadernação).
[53] *Idem, op. cit.*, 1959, p. 241.
[54] Jacques LE GOFF, *op. cit.*, 1984.

história, os homens tenderam a acreditar que o progresso material seria a causa da decadência moral do homem.

Assim foi entre os antigos, gregos e romanos, cuja mitologia era marcada por um saudosismo nostálgico da remota Idade do Ouro — ainda que se deva ter o cuidado de não utilizar de forma anacrônica a moderna idéia de progresso, procurando aplicá-la a Antigüidade. Durante a Idade Média, o cristianismo gera uma certa ambigüidade em torno da idéia de progresso. Se, por um lado, a perspectiva cristã de história é teleológica e não mais cíclica como na Antigüidade greco-romana, por outro, o cristianismo aprofunda a dicotomia entre "o progresso material, desprezado e negado (...) e o progresso moral é definido então como a procura de uma salvação eterna e colocado fora do mundo e do tempo"[55]. O progresso técnico-científico só vai ser vinculado à idéia de progresso moral a partir do século XVIII e ainda assim com muitas exceções. Para Le Goff, o século XIX foi o século em que a idéia de progresso reinou com maios força e o vínculo entre as noções de progresso material e progresso moral foi muito estreito. Isso porque foi a época dos grandes avanços técnico-científicos, do desenvolvimento do liberalismo e da entrada das massas no cenário político através do voto, da extensão da educação às massas, da difusão da idéia de que a tecnologia deve ser posta a serviço do conforto, ao menos no caso das elites.

Deve-se também distinguir idéia de progresso do conceito de ideologia do progresso. De acordo com Le Goff, em muitos momentos da história do Ocidente, os avanços nas condições materiais de vida criaram um ambiente favorável para a difusão de uma ideologia do progresso. Contudo, o século XX, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, vai mostrar que isso não é uma regra.

Na virada do século XIX para o século XX, com as correntes cientificistas e positivista, a idéia de que o progresso material traz consigo inevitavelmente o progresso moral alcança seu auge. Mas quando Câmara Cascudo escreve nas décadas e 1950 e 1960 — após duas guerras mundiais que abalam a crença do ocidente no progresso contínuo da humanidade —, Cascudo já estava afetado por um fenômeno, segundo Le Goff, próprio do século XX, que é o medo do progresso originado pelo próprio progresso. Talvez, Alfredo Nicéforo, intelectual italiano que escreve na década de 1920, consiga expressar mais

[55] *Idem, ibidem*, p. 341.

claramente essa sensação de desconforto em relação ao progresso material em uma afirmação que muito se aproxima da perspectiva de Cascudo:

> "(…) qualquer que sejam os inegáveis melhoramentos de que goza uma sociedade, os indivíduos não vêem nem se apercebem de forma alguma que tais melhoramentos sejam um motivo para os indivíduos se sentirem mais felizes."[56]

Cascudo não só descrê que esses "melhoramentos" criados pela ciência tragam felicidade à humanidade, como os responsabiliza pela infelicidade do homem moderno. É importante deixar bem claro que Cascudo não condena a ciência em si. Para ele a busca do conhecimento científico é válida, e mesmo necessária, desde que não se transforme em filosofia de vida. No entanto, a ciência, em tudo procurando explicar de forma objetiva e materialista, buscando submeter tudo o que existe a leis naturais, forja o "dogma da vida material". O materialismo gera o utilitarismo e o pragmatismo que se tornam os novos valores que orientam as relações entre os homens. A ganância e a competitividade substituem os valores do espírito, fundamentados na autoridade da tradição.

Os costumes tradicionais são, nessa perspectiva, esmagados pelo utilitarismo e pelo pragmatismo. Mais uma vez, é no ato de alimentar-se que podemos observar essa transformação. As comidas enlatadas se difundem aceleradamente: rapidez e praticidade se tornaram fundamentais. As descobertas científicas impõem aos homens a nutrição adequada, que raramente pode ser conciliada com os paladares tradicionais:

> "(…) O problema é que, aumentando miraculosamente o número dos consumidores, diminui assustadoramente a dinastia fidalga dos cozinheiros e das cozinheiras, raça semi-extinta que não se renovará. Os apetites são substituídos pelas fomes e a inquietação moderna impossibilita as lentas paciências operadoras, realizando as maravilhas do paladar. O comum , natural, obrigatório, lógico para a mulher em nossos dias é saber *improvisar um jantar*, enfeitar o prato, disfarçar a fisionomia de cada espécie deglutível com a ciência nefasta dos colorantes mascaradores, das mistificações sugestivas, da incaracterização gustativa. Vamos caminhando, melancolicamente, para o que dizia Berthelot a

[56] APUD: Jacques LE GOFF, Jacques, *op. cit.*, 1984, p. 360.

> Théofile Gautier, depois de uma ceia *improvisada* no Paris cercado pelos alemães em 1871: — *Je mange sans comprendre*."[57]

O utilitarismo, com sua cultura dos enlatados, não destrói apenas as tradições alimentares. Para Cascudo, o pensamento do homem moderno também foi enlatado, restringido, sufocado. O utilitarismo decretou a morte do lirismo, das artes, das expressões mais puras e elevadas da cultura. Essa idéia que Cascudo expõe em seu *Canto de Muro* encontra-se bem representada em uma passagem do prefácio do livro *Por que ler os clássicos?*, de Italo Calvino, em que este autor relata, citando Cioran, um episódio da morte de Sócrates:

> "Enquanto era preparada a cicuta, Sócrates estava aprendendo uma ária com a flauta. 'Para que lhe servirá?', perguntaram-lhe. 'Para aprender esta ária antes de morrer' "[58]

Cascudo provavelmente concordaria que a arte não deve *servir* a um fim prático. A arte emana do espírito humano e os valores do espírito fundamentam-se na moral. Mas nesse novo tempo que louva cegamente o progresso material, a moral se fragmenta e enfraquece e a proliferação de organizações filantrópicas apenas prova que os valores morais — daquela moral de núcleo religioso — foram expulsos da vida cotidiana dos homens. E Cascudo é implacável: "quando despedimos a Deus estamos chamando ao Diabo. O altar é que nunca fica vazio."[59]

A moral ainda sobrevive agonizante na consciência dos homens, quando buscam justificar suas atitudes amorais ou imorais. Mas essas justificativas têm como parâmetro apenas um mundo que já matou a moral, como está matando a religião, o folclore, a cultura popular. Todos esses espaços da tradição resguardavam o lirismo místico e transcendente daquilo que não podia ser explicado pelas leis da natureza:

> "A inteligência popular dispensava a verificação sucessiva provocando na experiência a repetição do fenômeno. Bastava a constatação visual

[57] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1983, p. 42. "Eu como sem entender".
[58] Ítalo CALVINO. *Por que ler os clássicos?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 16.
[59] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1959, p. 251

> imediata. Por isto a etiologia folclórica e etnográfica é mais sugestiva e poética que a saída dos laboratórios."[60]

Ciência e moral são, então, inconciliáveis? Cascudo sem dúvida responderia negativamente já que crê não apenas que há uma moral científica, como também que essa moral deriva da moral religiosa cujos valores transcendem tudo aquilo que é matéria. Para ele, com raras exceções, o homem de ciência orienta suas descobertas no mundo natural imbuído daquilo que chama de "Ideal desinteressado"[61]. O cientista, de um modo geral, concentra todos os seus esforços em prolongar, melhorar e salvar a vida dos seus semelhantes.

Não são cientistas, entretanto, os que governam as sociedades. E os homens que as governam se mostram insensíveis à moral científica, recebendo apenas as "lições materialistas da ciência oficial"[62]. Estes homens substituíram o "ideal desinteressado" pela fórmula *"les affaires sont les affaires"*[63].

Câmara Cascudo é, ele próprio, um homem de ciência. É um cientista da cultura popular e do folclore. Seu esforço intelectual vai no sentido de *registrar* e *fixar*[64] as manifestações populares e folclóricas, para que elas não se diluam no emergir de novas gerações. Não parece ser ilegítimo pensar que a insatisfação de Cascudo ante a onda de valores materialistas, oriunda dos progressos científicos, provenha da desvalorização de seu objeto de estudo em meio a esses valores. Cascudo percebe que as ciências naturais estão tirando o espaço das ciências cujo objeto é justamente aquilo que fundamenta a identidade dos homens: a tradição.

---

[60] *Idem, ibidem*, p. 243.
[61] *Idem, ibidem*, p. 245.
[62] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1959, p. 244.
[63] *Idem, ibidem*, p. 245. "Negócios são negócios".

Capítulo 3

O meio da ladeira

"Até certo ponto, como Montaigne,* je suis moy mesme la matière de mon livre.*"
Luís da Câmara Cascudo[65]

Biblioteca e convivência

Já em 1940, ao escrever o prefácio do seu *Geografia dos mitos brasileiros*, Cascudo expressa o sentimento de urgência em relação à necessidade do registro das manifestações folclóricas que, na sua concepção, deveriam permanecer imutáveis e resguardadas das máculas da nos tempos modernos e da cultura de massas:

> "É de esperar que se compreenda que Folclore é no Brasil atual a urgência de salvar material, o mais avultado, o mais longínquo, para livrá-lo da influência do cinema e do rádio propagador da Favela e Morro da Viúva. Depois, estudar-se-á."[66]

É importante chamar a atenção para o fato de que, a partir da definição de folclore presente na obra de Cascudo, ainda que toda a manifestação folclórica possa der classificada como cultura popular, nem toda cultura popular é folclore. Em *Folclore do Brasil*, este autor marca essa distinção afirmando que: "O folclore é o popular, mas nem todo popular é folclore."[67]

Segundo Nestor Garcia Canclini, em *Culturas Híbridas*, uma das tendências predominantes das últimas décadas do século XX é a penetração da cultura de massas nos espaços tradicionais da cultura popular, que se transformam e se adequam ao seu tempo para se manterem vivos. É precisamente contra essa tendência que, já nas décadas de 1930

---

[64] "Fixar" e "registrar" ou, mais comumente, "registar" são termos que Cascudo utiliza reiteradamente em muitos dos seus livros, tais como: *Folclore do Brasil*, *História da Alimentação no Brasil*, *Literatura Oral*, entre outros.
[65] Luís da CÂMARA CASCUDO, o*p. cit.*, 1971., p. 148.
[66] Luís da CÂMARA CASCUDO. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Editora da USP, 1983, p. XXII.
[67] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1967, p. 13.

e 1940, Cascudo empenha seus esforços como estudioso do folclore. Para ele a tradição deve ser celacanto.

Cascudo se considera, sem dúvida, um dos mais aptos a levar a cabo a missão de salvar o folclore, a tradição. Isso porque funda a sua autoridade etnográfica no fato do folclore ter sido parte integrante do seu cotidiano, ao longo de toda a sua história de vida. José Reginaldo Santos Gonçalves, em sua análise sobre um livro de Cascudo intitulado *Rede de Dormir* (1959), utiliza o conceito de "experiência" para definir essa relação pessoal com o objeto estudado, na qual Cascudo fundamenta sua autoridade. Cascudo assume claramente essa postura em vários momentos de sua obra ao eleger a noção de *convivência* como essencial para representar a sua relação com as manifestações folclóricas e a sua fonte mais legítima, o povo. O seguinte trecho de *Tradição, ciência do povo* ratifica essa idéia:

> "Como fui filho único, doente e triste, amamentou-me o leite de todas as crendices populares. Rezas-fortes, banhos-de-cheiro, mezinhas serenadas, cascas de tronco do lado-que-o-sol-nasce; (...) negros, altos e magros como coqueiros solitários, defumando meu leito, o aposento, meus brinquedos imóveis (...) Meu Pai consultava o doutor Joaquim Murtinho por telegrama (um assunto para a cidade), e minha ama Benvenuta de Araújo, *Utinha*, trazia uma mulata gorda e lenta, que tinha morado no Pará, cantando baixinho e de joelhos, para espantar o mau-olhado. Padeci de todas as enfermidades folclóricas (...)"[68]

Cascudo, ao contrário da grande maioria dos etnógrafos de seu tempo, não pretende fundar a sua autoridade etnográfica na observação participante. De acordo com James Clifford, a observação participante — que é marca da moderna etnografia e que começa a ser questionada após a década de 1950, com o processo de descolonização — pressupõe a produção de "interpretações culturais" e, por conseguinte, pressupõe tradução:

> "A observação participante obriga seus praticantes a experimentar as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado lingüístico,

[68] Luís da CÂMARA CASCUDO, o*p. cit.*, 1971, pp. 147-148.

> algum grau de envolvimento direto e conversação, e freqüentemente um 'desarranjo' das expectativas pessoais e culturais."[69]

É precisamente a tradução, o "árduo aprendizado lingüístico", que Cascudo busca suprimir quando lança mão da noção de *convivência*. Ele acredita não precisar aprender o idioma do outro porque já o domina desde sempre. O idioma do outro é também o seu idioma, ainda que não exclusivamente. Um etnógrafo fazendo trabalho de campo será sempre um estrangeiro. Cascudo fundamenta a sua autoridade etnográfica justamente no fato de *pertencer a* e não apenas *estar* no universo cultural que é seu objeto de estudo. As informações sobre as manifestações culturais que registra em seus livros, não são fruto de entrevistas ou da observação participantes, mas de conversas informais com o povo, proporcionadas pela sua vida de boêmio, freqüentador dos botequins e dos prostíbulos mais populares da sua cidade, bem como dos "causos" que desde a infância ouve contar pelos pescadores, vaqueiros, benzedeiras, babás, empregados e agregados de sua casa. Gonçalves marca bem a diferença entre o sentido de "experiência" para os etnógrafos que realizam trabalho de campo e a experiência-convivência de Cascudo:

> "(...) [Cascudo] desloca a base de sua autoridade etnográfica para a 'experiência'. Não a autoridade experencial dos antropólogos anglo-americanos clássicos. Não a experiência do etnógrafo que se desloca de sua própria sociedade para outra longínqua sociedade estrangeira. Mas sim a sua experiência biográfica reconstituída pela memória. Não o '*I have been there*', mas sim algo próximo a '*I have always been there*'."[70]

Cascudo, ao operar com o conceito de convivência, parece sublimar o conflito e a desigualdade inerentes à relação entre a elite sócio-intelectual à qual pertence e aqueles que ele classifica como povo, os "humildes, sábios, analfabetos"[71]. Ainda assim, tem a consciência de que é o seu pertencimento a essa elite que lhe permite transformar a tradição viva e pulsante em obra etnográfica e folclórica. Embora tenha buscado expressar sua metodologia na fórmula "não bibliotecas, mas convivência"[72], Cascudo alicerça a sua autoridade intelectual no encontro entre a biblioteca e a convivência, entre a leitura dos

[69] James CLIFFORD, *op. cit.*,1998, p. 20.
[70] José Reginaldo Santos GONÇALVES, *op. cit.*, 1999 p. 7.
[71] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1998, p. 5.
[72] Luís da CÂMARA CASCUDO, o*p. cit.*, 1971, p. 10.

livros e a conversa com o povo.[73] Ele anuncia também que foi "menino, criado no sertão, educado na cidade". No sertão, espaço por excelência do folclore e da tradição, ele foi *criado*, assim como outros meninos sertanejos, ouvindo histórias de assombração, convivendo com vaqueiros e cantadores. Na cidade, espaço do cosmopolitismo e do moderno, ele foi *educado*, como os filhos da alta elite potiguar, conhecendo livros e mestres. É por encontrar-se na interseção entre esses dois espaços que Cascudo se considera capaz de salvar o folclore da morte e do esquecimento. Ele conta que a casa que habita em Natal se situa em uma ladeira que liga a Cidade Alta e a Ribeira, parte baixa da cidade. Na cidade Alta, cujos moradores eram chamados de xarias, habitava a elite natalense. Na Ribeira, moravam os canguleiros, famílias pobres de pescadores e mercadores de peixe, prostitutas, enfim, todos aqueles que Câmara Cascudo designa como *povo*. Não podia haver melhor metáfora para expressar a posição do próprio Cascudo como estudioso do folclore: ele é o meio da ladeira.

Somente porque é o "meio da ladeira", Cascudo pode perceber o universal no particular. Somente por estar nessa posição privilegiada, ele pode saber da coincidência entre uma superstição do sertão do Rio Grande do Norte e uma superstição da Grécia arcaica. Somente por fundamentar seus estudos tanto na biblioteca, onde lê, escreve e se corresponde com intelectuais do Brasil e do mundo, quanto na convivência, Cascudo pode traçar a genealogia das manifestações folclóricas e buscar as origens remotas de uma tradição. Cascudo crê saber valorizar a tradição popular que o próprio povo não sabe que tem valor[74], porquanto a vivencia de forma inconsciente na medida em que ela faz parte da sua normalidade. Talvez esteja neste ponto mais uma marca do conservadorismo de Cascudo. Ele sabe que o povo guarda uma sabedoria, que nem mesmo o próprio povo sabe que possui. Nesse sentido, Cascudo se vê imbuído da missão de imortalizar a tradição, fixando-a na letra, ainda que ela se perca ou se transforme pela ação do tempo e pelas investidas do progresso material. A seguinte passagem é muito significativa para a compreensão dessa perspectiva de Cascudo:

> "Queria saber a história de todas as coisas do campo e da cidade.
>
> (...)

[73] Margarida de Souza NEVES, *op. cit*, 2002, pp. 65-86.
[74] *Idem, ibidem*.

> Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do Mar, das Estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado. (...) Tudo tem uma história digna de ressurreição e de simpatia. Velhas árvores e velhos nomes, imortais na memória."[75]

Esta passagem pertence a um pequeno artigo de Cascudo que abre o número especial da revista *Província*, comemorativo de seus setenta anos e cinqüenta de vida intelectual, em que autores como Gilberto Freyre, Afonso Arinos de Mello Franco, Carlos Drumond de Andrade lhe dedicam artigos. Trata-se, portanto, de um texto em que o próprio Câmara Cascudo faz um balanço da sua atuação intelectual e da sua relação com o folclore, com a tradição e com aqueles que a guardam e com o passado[76]. Em um primeiro momento, apreendemos o termo "encantamento", presente no trecho acima transcrito, no sentido de fascinação pelo passado. Mas o "encantamento do passado" pode também significar o íntimo desejo do nosso autor de que o passado, sob a forma da tradição, permaneça encantado, imóvel, imutável, tal qual o celacanto.[77] Confrontando biblioteca e *convivência*, Cascudo desencanta a tradição, explicitando suas origens e sua essência universal. Transformando-a em escrito de etnografia e folclore, ele encanta novamente a tradição, imobilizando-a. Ao procurar explicar a tradição ameaçada pela mudança, ao pretender imortalizá-la através do registro escrito para que ela não se transforme ao sabor da dinâmica do progresso, o nosso folclorista potiguar retira o que há de oralidade, movimento e vida nessa tradição. Fixando as manifestações folclóricas em seus livros, ele as submete a uma espécie de feitiço, de "encantamento", na pretensão de resguardá-las da ação do tempo. Ao trilhar "o caminho que leva ao encantamento do passado", Cascudo se torna ele próprio um encantador do passado.

Longe das "picadas doutrinárias"

[75] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1998, p.5.
[76] A passagem em questão tem sido de fundamental importância para a análise da relação de Luís da Câmara Cascudo com a história, desenvolvida durante o Projeto Integrado de Pesquisa *O Encantamento do Passado. Luís da Câmara Cascudo, Historiador*. Ver Margarida de Souza NEVES. *O encantamento do passado: Luís da Câmara Cascudo, historiador.* Rio de Janeiro: PUC-Rio / Departamento de História, 1999. (mimeo)
[77] Para uma análise mais profunda da idéia de "encantamento do passado" no pensamento de Luís da Câmara Cascudo, ver Margarida de Souza NEVES, *op. cit.*, 2002.

Há ainda um outro aspecto a respeito da autoridade etnográfica de Cascudo que considero necessário abordar. A despeito de sua educação formal — sempre associada à *convivência* — ser imprescindível para a relação que estabelece com o seu objeto de estudo, Cascudo assume uma "atitude de ceticismo"[78] em relação aos esquemas teóricos. Na *Preliminar* do seu *Civilização e Cultura*, afirma não se filiar a uma única escola etnográfica, podendo por vezes apresentar inclinações teóricas para o que denomina "funcionismo" e por outras para o "paralelismo" ou para o "difusionismo", adequando-se às peculiaridades de cada caso:

> "Um crítico uruguaio, comentando *Anubis e outros ensaios (1951)*, disse-me hiperdifusionista. Um confrade da França, recordado com saudade, fazia-me exaltado paralelista. Mendes Correia estava convencido do meu funcionismo. A verdade é que não posso explicar ou compreender todos os elementos culturais pelo mesmo processo formador e comunicante. Como escreve Louis-René Nougier: *jamais l'explication 'unique' n'est valable, pour les complexes manifestations humaines préhistoriques. Chacune exige ou peut exiger son explication particulière*."[79]

No prefácio de *Geografia dos Mitos Brasileiros*, Cascudo expressa a dificuldade e a inutilidade de classificar os mitos segundo os princípios de alguma escola teórica e afirma que só o fez com o intuito de evitar a crítica dos eruditos:

> "Depois de tanto material lido e ouvido, em anos e anos de amorosa curiosidade, descubro a obrigação de filiar-me a uma escola, escolher um caminho, marchar numa direção, sob as penas da lei folclórica.
> (...)
> Parece-me que a melhor valia deste livro é a perfeita ausência de 'explicação' quando recolhi o fabulário. Nenhuma onça maneta nem cavalo de três pés troteia nos riscos de uma 'picada' doutrinária. (...) Os rótulos que preguei na testa do Lobisomem ou do Saci-Pererê podem ser arrancados facilmente."[80]

A onça maneta, o cavalo de três pés e o Saci-Pererê, três personagens tradicionais do fabulário brasileiro, têm em comum o fato de não possuírem um dos membros. O povo

[78] José Reginaldo Santos GONÇALVES, *op. cit.*, 1999, p. 7.
[79] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1973, "Preliminar", p. XV.

acredita reconhecer seu rastro através das pegadas incomuns que eles deixam no solo. Cascudo afirma ironicamente que personagens como estes, sem uma perna ou uma pata, dificilmente vão se equilibrar e se adequar à trajetória rígida e "*apriorística*" de uma teoria. Na perspectiva deste autor, as "picadas doutrinárias" não foram feitas para os que pulam com um pé só ou troteiam mancando. Não foram feitas para as peculiaridades dos mitos que ainda vivem na tradição popular de diversas regiões do país. Outra vez a *convivência* surge como o fundamento essencial da sua autoridade quando se refere à "amorosa curiosidade". Na concepção de Cascudo, essa sua relação afetiva com o seu objeto é muito mais eficaz que qualquer esquema teórico.

[80] Luís da CÂMARA CASCUDO, *op. cit.*, 1983, p. XXI.

Capítulo 4

Na Pista do Conservadorismo Cascudiano

"(…) Começaram mal porque começaram por desprezar tudo aquilo que lhes pertencia. (…) Respeitando seus ancestrais, teriam aprendido a respeitar a si mesmos." Edmund Burke[81]

"(...) o costume, por sua natureza, é conservador"
E. P. Thompson[82]

Tudo o que ficou dito até o momento acerca da relação de Luís da Câmara Cascudo com o seu objeto de estudo — qual seja, prioritariamente o folclore — e da sua concepção particular de tradição aponta para uma caracterização deste autor como um intelectual conservador. Caracterização essa reforçada por se ter mencionado a adesão de Cascudo ao monarquismo, o fato de ter sido maçon, a sua participação na Ação Integralista Brasileira e a sua aproximação com um catolicismo conservador. Pretendo agora aprofundar essa caracterização, buscando analisar, por um lado, o caráter conservador de alguns aspectos do pensamento de Cascudo e, por outro, as especificidades do seu conservadorismo no cenário intelectual brasileiro.

Características conservadoras

Segundo Karl Mannheim[83], o conservadorismo é um estilo de pensamento que se desenvolve e difunde no contexto específico das sociedades modernas. Estas se tornam cada vez mais dinâmicas e promovem uma diferenciação social fundamentada em classes e não mais em estamentos. Para este autor, é o fato de o conservadorismo ser fruto de um momento histórico específico que o difere da atitude meramente tradicionalista. O tradicionalismo consiste em uma tendência de alguns indivíduos, em todas as épocas, de se

[81] Edmund BURKE. *Reflexões sobre a Revolução em França*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, pp. 71-72.
[82] E. P. THOMPSON. "Folclore , Antropologia e História Social". In: _____. *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. (Organizado por Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
[83] Karl MANNHEIM, *op. cit.*, 1982.

apegarem ao passado, temendo mudanças. O conservadorismo é o tradicionalismo transformado em ideologia e ação política consciente, que surge na época moderna como reação ao movimento progressista. Desse modo, um indivíduo que seja conservador na vida pública pode ser progressista na sua vida privada e alguém politicamente progressista pode ser tradicionalista quanto às relações pessoais e íntimas.

Embora Mannheim esteja tratando do significado do conservadorismo no contexto específico do seu desenvolvimento na Alemanha, na primeira metade do século XIX, acredito que seja possível tomar alguns aspectos que ele aborda para analisar o pensamento de Câmara Cascudo, tendo o cuidado de perceber as particularidades deste último e de não lhe imputar rótulos rígidos.

Ainda que seja possível encontrar fortes indícios de conservadorismo tanto nos modos de inserção política e intelectual de Cascudo quanto na sua abordagem metodológica da cultura popular e do folclore, pode-se dizer que nem sempre assumiu um atitude tradicionalista, tal como foi definida por Mannheim. A sua ojeriza ao progresso material e o seu "encantamento do passado" se manifestam sobretudo quando ele sente ameaçada a essência tradicional da cultura popular. Entretanto, em alguns momentos, demonstra verdadeiro fascínio em relação a alguns símbolos do progresso, sobretudo quando estes significam transformações que possibilitam a conservação daquilo que lhe é caro, vale dizer, a tradição. O elogio que faz ao cinema, em *O Tempo e Eu*, é o melhor exemplo dessa atitude. O cinema — criação moderna tão sintonizada com a ideologia do progresso que muito valoriza a velocidade — recebe um lugar de destaque e um olhar não só benevolente, mas admirador:

> "O cinema vence a Morte, atualizando o Passado (…) O Cinema é o real 'Animatógrafo', uma fotografia animada, positiva, legítima, do que ocorreu ante a máquina. O Teatro com todas as suas dimensões naturais e lógicas no imediatismo da precariedade fisiológica é um depoimento oral, uma reconstituição da realidade possível, realizável e crível, vivida em ação natural, cômica ou dramática, com material perecível e efemeramente dominante. No Cinema ninguém morre."[84]

[84] Luís da CÂMARA CASCUDO. *O tempo e eu. Confidências e proposições*. Natal: Imprensa Universitária, 1968, p. 234.

O cinema é, portanto, capaz de preservar a tradição e difundi-la em lugar de destruí-la. Na concepção de Cascudo essa deveria ser a função do progresso: fundamentar a modernidade na recuperação da tradição, na atualização de um passado sem o qual perdemos nossa identidade. Vinte oito anos antes, todavia, em trecho anteriormente citado do livro *Geografia dos Mitos Brasileiros*, Câmara Cascudo via no cinema, bem como no rádio, uma forte ameaça à permanência das manifestações folclóricas. De qualquer modo, o que o preocupa é a preservação do folclore e das tradições, assumindo em relação a estes elementos uma atitude intelectual fortemente conservadora.

Alguns aspectos na forma pela qual Câmara Cascudo aborda o folclore e a tradição constituem pistas interessantes para a caracterização do seu conservadorismo. Em primeiro lugar, a perspectiva conservadora está presente na já mencionada relação que este autor estabelece entre as categorias de universal e particular, mediadas pela idéia de uma essência humana comum, e na tendência, recorrente em seus trabalhos, de procurar origens remotas para manifestações contemporâneas. De acordo com Mannheim, o que caracteriza um conservador é o fato de significar o mundo em que vive e tudo o que pertence a este mundo recorrendo ao passado, buscando apreender o que "está por trás"[85] das coisas. Se o progressista desenvolve seu pensamento olhando para um futuro modelar, o conservador o faz com o olhar no passado e nas origens. Em oposição ao abstracionismo progressista, o pensamento conservador se apega ao concreto e o concreto pode ser apreendido nas manifestações sócio-históricas particulares. Ao olhar para o passado e buscar as origens dessas manifestações particulares, os conservadores acabam por encaixá-las em uma totalidade mais ampla, conferindo-lhes significado. Segundo Mannheim, para os conservadores:

> "(...) tudo o que existe historicamente tem sentido porque demonstra o mesmo impulso espiritual, a mesma tendência básica de crescimento mental e espiritual.
>
> Assim, a coisa particular nesse (...) é compreendida 'fisionomicamente', como a manifestação de uma intenção básica, como

[85] Karl MANNHEIM, *op. cit.*, 1982, p. 121.

> um 'aspecto' particular de uma totalidade representada por um começo germinal."[86]

No pensamento de Câmara Cascudo, a totalidade pode ser compreendida como o universal e a "intenção básica" ou esse "mesmo impulso espiritual" de que fala Mannheim é precisamente aquilo que distingue o ser humano enquanto tal, que o identifica. E é através das tradições concretas e particulares que o homem se conecta com a totalidade, com o universal.

Outro importante indício da afinação de Cascudo com o conservadorismo se encontra na sua concepção de tempo. Essa questão já foi tratada no segundo capítulo desta monografia, quando se abordou as afinidades entre o autor aqui estudado e uma corrente conservadora do modernismo brasileiro, os verde-amarelos. No entanto, considero válido retomá-la agora à luz da análise de Mannheim. Segundo este autor, a idéia de um processo histórico que se desenvolve linearmente através da passagem do tempo é tipicamente progressista. O pensamento conservador, pelo contrário, estabelece uma relação entre passado e presente transcendendo o tempo e se fixando no espaço ou, nas palavras de Mannheim, em uma "ordenação espacial dos acontecimentos no tempo"[87]. Presente e passado coexistem:

> "(...) o conceito linear da história (...) é algo secundário para os conservadores. Primeiramente, os conservadores conhecem o passado como algo que existe com o presente; consequentemente, sua concepção de história tende a ser mais espacial do que temporal; ela enfatiza mais a coexistência do que a sucessão."[88]

No caso dos conservadores alemães da primeira metade do século XIX, dos quais Mannheim trata, o espaço em que passado e presente coexistem se concretiza na terra e em tudo o que ela significa para os grupos sociais de origem feudal. Como já foi dito, no caso de Câmara Cascudo, podemos identificar como espaços de coexistência entre passado e presente as manifestações tipicamente folclóricas em que se enraíza a tradição: o sertão, a alimentação, as superstições, os gestos.

---

[86] *Idem, ibidem*, p. 122.
[87] *Idem, ibidem*, p. 123.
[88] *Idem, ibidem*, p. 123.

Identidade humana e identidade nacional

A defesa de uma ação intelectual e política fundamentada nas relações e realidades concretas e particulares — em detrimento dos projetos impulsionados por princípios abstratos e universais — foi a bandeira de grande parte da intelectualidade brasileira desde a década de 1920 e culminou com a Revolução de 1930 e com o Estado Novo. O projeto modernizador daqueles que apoiaram este movimento e dos ideólogos do Estado Novo estava imbuído de um caráter profundamente conservador e autoritário que se opunha vigorosamente às idéias liberais.

Segundo Lúcia Lippi Oliveira[89], a crítica de grande parte os intelectuais brasileiros ao liberalismo se manifestava de dois modos: ou sob a afirmação de que os princípios liberais não dão conta dos fatos concretos das sociedades humanas, por serem abstratos demais; ou sob a afirmação de que os princípios liberais não podem ser aplicados a realidade sócio-política brasileira. Um dos grupos que empunharam de forma mais radical a bandeira anti-liberal foi o dos integralistas, do qual Câmara Cascudo foi chefe provincial no Rio Grande do Norte e chefe regional no nordeste. Essa crítica se manifesta através de um nacionalismo radical, em contraste com o cosmopolitismo das elites oligárquicas que governavam o país durante a chamada República Velha.

O que esses intelectuais estão buscando é, portanto, apreender a realidade concreta da sociedade brasileira, apreender a essência do nacional. O folclore e a cultura popular são tidos como uma das manifestações mais autênticas dessa essência e o seu estudo e preservação passam a integrar diversos projetos artísticos, intelectuais e políticos brasileiros.

Já na década de 1920, o movimento modernista se manifestou em favor da valorização da cultura popular como depositária das autênticas tradições nacionais. De acordo com Eduardo Jardim de Moraes, a partir da publicação do "Manifesto da Poesia Pau-Brasil" de Oswald de Andrade, em 1924, os modernistas se voltam para o resgate das tradições, declarando que o movimento não se propõe a romper com o passado, mas sim

[89] Lúcia Lippi OLIVEIRA. *Elite Intelectual e Debate Político nos Anos 30*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; Brasília: INL, 1980.

com a estética passadista. O folclore e a cultura popular passam a ser considerados um dos caminhos mais interessantes para se penetrar na essência da brasilidade[90].

A Ação Integralista Brasileira, movimento conservador e autoritário, com intensas afinidades ideológicas com os movimentos fascistas europeus, também valorizava a cultura popular no seu projeto nacionalista radical. Aliás, também na Europa se deu essa aproximação entre o fascismo e os estudos folclóricos. Segundo E. P. Thompson, se no início do século XX o interesse pelo folclore na Inglaterra se dava sobretudo entre os intelectuais de esquerda, a partir da década de 30, foram os movimentos fascistas que passaram a se dedicar à preservação dos costumes folclóricos. Para este autor, "o interesse no comportamento costumeiro tende a ser prerrogativa de historiadores com perfil conservador. Pois o costume, por sua natureza, é conservador."[91]

Conquanto Câmara Cascudo tenha participado do movimento modernista — inclusive como poeta — e tenha sido uma importante liderança do movimento integralista, o seu interesse pelas tradições populares não aparece em suas obras de etnografia e folclore como um compromisso com a busca da brasilidade ou de uma essência do nacional. Ainda que muitos de seus livros façam referência a "Brasil" e "brasileiro" em seus títulos[92], o particular e o concreto que está presente neles não é a nação brasileira. O particular e o concreto, nas obras de Cascudo, é toda e qualquer manifestação cultural tradicional que integre a *normalidade* de algum grupo humano. A missão de estudar e conservar a tradição não aparece em suas obras como uma vocação nacionalista. O seu interesse pelo costume, pelo folclore, pela tradição se configura como o interesse por aquilo que conecta o particular e o concreto ao universal. Optar por estudar as tradições brasileiras em lugar de quaisquer outras parece significar, na obra de Câmara Cascudo, simplesmente a opção pelo objeto sobre o qual ele seja capaz de aplicar o seu método da *convivência*. Se Cascudo funda a sua autoridade etnográfica precisamente no fato de seu objeto de estudo ser parte integrante do seu cotidiano e no fato de dominar a linguagem e as formas de expressão

[90] Eduardo Jardim de MORAES, *op. cit.*, 1988.
[91] E. P. THOMPSON, *op. cit.*, 2001.
[92] Alguns livros de Câmara Cascudo que apresentam essa característica são "Dicionário do Folclore Brasileiro"; "Literatura Oral no Brasil"; "História da Alimentação no Brasil"; "Folclore do Brasil"; "Geografia dos Mitos Brasileiros"; "Geografia do Brasil Holandês"; "Contos Tradicionais do Brasil"; "Antologia do Folclore Brasileiro" etc.

daqueles sobre os quais volta seu olhar etnográfico, não é difícil compreender porque opta por estudar o folclore de sua terra.

Conclusão

Ao longo deste trabalho, Luís da Câmara Cascudo foi caracterizado como um intelectual conservador. Procurou-se desenvolver a idéia de que, nos seus livros de etnografia e folclore, este autor apresenta uma concepção de tradição que muito se aproxima daquela presente no pensamento conservador, tanto no que diz respeito à relação que estabelece entre as categorias de universal e particular, quanto no que se refere à sua abordagem espacial da relação entre passado e presente.

Há que se ter, no entanto, o cuidado de não transformar o conservadorismo em um rótulo, uma etiqueta, vale dizer, uma classificação limitadora cuja rigidez impeça a compreensão da complexidade e das especificidades do caráter conservador do pensamento de Cascudo. Mesmo a sua participação em um movimento político de características filo-fascistas, como o integralismo, não dá conta da forma particular através da qual o conservadorismo se manifesta nos seus trabalhos de folclore e etnografia. Embora os integralistas tenham valorizado muito a cultura popular e o folclore[93], fizeram-no por os considerarem depósitos da tradição nacional brasileira. Para Cascudo, a questão do nacional ocupava um lugar de pouca importância nos seus estudos das manifestação culturais tradicionais e populares.

Aquilo que de fato interessava a Câmara Cascudo, era a idéia de que as tradições, por serem milenares e se conservarem intactas através dos séculos, aproximam o homem contemporâneo de uma essência humana original e universal. Apenas o homem, entre todos os animais, é capaz de viver em sociedade e produzir costumes, crenças , ritos, enfim, tradição. Apenas o homem se orienta na relação com seus semelhantes através de uma moralidade tradicional, sempre remetida ao transcendente, ao divino. É como "ser moral" que o homem desenvolve uma vida espiritual e se distingue das demais espécies animais, que se orientam somente através dos instintos. Esta moralidade e esta vida espiritual conferem ao ser humano o posto mais elevado na hierarquia dos seres vivos, posto ao qual,

[93] Gustavo Barroso, um dos principais ideólogos do Movimento Integralista, escreveu alguns livros sobre folclore e cultura popular, entre os quais *Ao som da viola (Folk-Lore)*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro, 1921. Gustavo Barroso é recorrentemente citado por Câmara Cascudo em artigos e livros e cujos livros o autor potiguar possui em grande número, com afetuosas dedicatórias, permeadas da saudação destinada ao líderes integralistas ("Anauê, anauê")

segundo Cascudo, ele foi predestinado por Deus. Conservar as tradições, portanto, significa conservar a marca distintiva (e divina) do humano.

A crítica de Câmara Cascudo à ciência de seu tempo recai sobre o materialismo exacerbado que acredita estar presente nela. Segundo este autor, a ciência moderna, ao reduzir o ser humano aos seus processos orgânico, ao explicá-lo exclusivamente por suas funções biológicas e psicológicas, desconsiderando a sua espiritualidade, acaba por aproximar o homem dos demais animais e usurpar a posição privilegiada no mundo, à qual foi predestinado por Deus.

Cascudo lamenta que a ciência moderna esteja cada vez mais comprometida com os valores relacionados ao progresso material, tais como o materialismo e o utilitarismo. Na sua perspectiva, as transformações aceleradas do progresso material diluem as tradições dos grupos humanos particulares, que acabam sendo substituídas por uma cultura homogênea e internacional. Os costumes tradicionais são destruídos pois não se adequam a nenhum fim utilitário no mundo moderno. Do mesmo modo, a moral de origem religiosa que orientava a vida dos homens é substituída por "morais" pragmáticas. Para Câmara Cascudo, o que os homens de seu tempo não são capazes de perceber é que, ao assumirem para si os valores do progresso material, que esmagam a tradição e a moral, estão inconscientemente abdicando ao trono que lhes é de direito como "reis da criação". O materialismo, o pragmatismo, o utilitarismo, ao tornarem o homem cada vez mais semelhante à máquina, retiram-lhe a essência da sua humanidade e o aproximam dos animais irracionais que só respondem aos seus instintos. Esse homem-robô volta a ser gorila.

Câmara Cascudo acredita possuir a *missão* de estudar o folclore, de elucidar suas origens e sua relação com tradições de povos longínquos que viveram em tempos remotos, e de conservar as tradições na sua forma pura e milenar, ainda que seja nas páginas de um livro. Ao contrário de grande parte dos intelectuais brasileiros, o folclorista potiguar não acredita que esta seja a missão apenas de encontrar ou construir a identidade nacional, a brasilidade ou a alma nacional. Para Cascudo, esta é a missão de preservar, conservar, salvar do esquecimento e da destruição aquilo que faz do homem o que ele é. O seu esforço consiste mais na busca da identidade humana do que da identidade nacional. É este o sentido que ele atribui à missão de salvar a tradição, essa "ciência do povo".

Bibliografia:

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução em França*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

BURY, John. *The Idea of progress*. New York: Macmillan, 1932

BYINGTON, Sílvia Ilg. *Pentimentos Modernistas. As cores do Brasil na correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2000. (Dissertação de Mestrado, mimeo).

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Canto de Muro. Romance de costumes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Civilização e Cultura. Pesquisas e notas de etnografia geral*. Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio/INL, 1973.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Folclore do Brasil. Pesquisas e notas*. Rio de Janeiro / São Paulo: Fundo de Cultura, 1967.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. "A Função dos Arquivos". Separata da *Revista do Arquivo Público*, ano 7 a 10, n.9-12. Recife, Arquivo Público, 1952-1956.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Editora da USP, 1983.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. "Um Provinciano Incurável". *Província*, Natal, Fundação José Augusto/UFRN/IHGRN, 1998.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Superstições no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *O tempo e eu. Confidências e proposições*. Natal: Imprensa Universitária, 1968.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Tradição, ciência do povo : Pesquisas na cultura popular do Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Viajando o Sertão*. Natal: Fundação José Augusto / CERN, 1984, 3a edição.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

CLIFFORD, James. "Sobre a autoridade etnográfica". In: _____. *A experiência etnográfica no século XX*. José Reginaldo Santos Gonçalves (org.). Rio de Janeiro: Ed.UFRJ,1998.

ELIAS, Norbert. *Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FARIAS, Mirella De Santo. *Memórias de um Menino Sertanejo. O Sertão de Luís da Câmara Cascudo*. (Monografia de Bacharelado). Mimeo, 2001.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. "Cotidiano, Corpo e Experiência: reflexões sobre a etnografia de Luis da Câmara Cascudo", Mimeo, 1999.

LE GOFF, Jacques. "Progresso-Reação" (vol. 1). In: *Enciclopédia Einaudi*. [Lisboa]: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984.

MANNHEIM, Karl. "O Pensamento Conservador". In: José de Souza MARTINS. *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: HUCITEC, 1981.

MORAES, Eduardo Jardim de. "O modernismo revisitado". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988.

NEVES, Margarida de Souza. "Artes e Ofícios de um Provinciano Incurável". *Revista Projeto História 24 - Artes da História e outras linguagens*. São Paulo: EDUC, 2002.

NEVES, Margarida de Souza. "O Sertão (En)cantado: cores e sonoridades", Mimeo, 2001.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Elite Intelectual e Debate Político nos Anos 30*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; Brasília: INL, 1980.

THOMPSON, E. P. "Folclore , Antropologia e História Social". In: _____. *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. (Organizado por Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

VELLOSO, Mônica Pimenta. "A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, FGV/CPDOC, 1993

VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão. O movimento folclórico brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/ Fundação Getúlio Vargas, 1997.

Site:
www.modernosdescobrimentos.inf.br